

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR**

**GABRIELA ANTONIA DA COSTA SOUZA**

**TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO: RELATOS DE ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO  
SUBSEQUENTE EM AGROECOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE**

**RIO BRANCO – ACRE**

**2020**

**GABRIELA ANTONIA DA COSTA SOUZA**

**TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO: RELATOS DE ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO  
SUBSEQUENTE EM AGROECOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Agricultura Familiar.

Orientadora: Joana de Oliveira Dias

Coorientadora: Karine Lopes Narahara

**RIO BRANCO – AC**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729t Souza, Gabriela Antonia da Costa

Território e educação: relatos de estudantes do curso técnico subsequente em agroecologia do Instituto Federal do Acre / Gabriela Antonia da Costa Souza. – Rio Branco /Acre: 2020.

Orientadora: Ma. Joana Oliveira Dias

Coorientadora: Karine Lopes Narahara

82f. il.:

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação em agricultura familiar - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC, Campus Baixada do Sol, 2020.

1. Amazônia. 2. Agricultura familiar. 3. Educação do Campo. I. Dias, Joana Oliveira. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. III. Título

CDD-630

**GABRIELA ANTONIA DA COSTA SOUZA**

**TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO: RELATOS DE ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO  
SUBSEQUENTE EM AGROECOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC - aprovada pela banca examinadora.

Rio Branco, 17/06/2020.

---

Joana de Oliveira Dias  
Mestra  
Professora - IFAC

---

Jailene Ribeiro Soares  
Mestra  
Professora - IFAC

---

João Maciel de Araújo  
Mestre  
Professor - IFAM

**RIO BRANCO – ACRE**

**2020**

À minha mãezinha que me inspira  
a cada dia e que é minha referência  
de ser humana.  
Gratidão, minha mãe.  
Te dedico todas as minhas vitórias.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Nézia pela inspiração, motivação e apoio de toda vida.

À minha filha Mila com quem eu aprendo a cada minuto desde seu nascimento.

À Ana Cláudia que uma super parceira, é minha inspiração como pesquisadora. Companheira em toda profundidade da palavra. Motivadora, apoiadora e auxiliadora desse projeto.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC pelo oferecimento dessa especialização.

À orientadora professora Joana Dias Maravilhosos, pelo acompanhamento pontual e competente através da sua orientação. Mas principalmente pela paciência, amizade e motivação. Uma pesquisadora que admiro, respeito e com quem aprendo muito.

À coorientação da professora Karina Lopes Narahara pela disponibilidade e contribuição nesta pesquisa.

Agradeço a banca examinadora desse trabalho, professora Jailene e o professor João pela disponibilidade em participar da banca e contribuir com esta pesquisa.

Ao Comitê Chico Mendes e à Articulação Nacional de Agroecologia pela inspiração, apoio e vivências com os diversos modos de agricultura.

Agradeço muito especialmente à minha grande amiga e parceira Célia. Pelo suporte que me deu nesse projeto.

À minha comadre Iwly e à minha amada afilhada Alice pelo amor incondicional e torcida de sempre.

À Sara, Grant e Gianni pela ajuda, incentivo e apoio nesse projeto.

Aos familiares e amigos por incentivar e me apoiar sempre.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Feliz é aquela que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Doce Coralina

## RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida enquanto trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar, ofertada pelo Instituto Federal do Acre. O objetivo consiste em refletir sobre a relação entre educação em agroecologia e o conceito de território, em diálogo com autores como Caldart, Sousa e Arroyo e com as narrativas de discentes do curso técnico subsequente em agroecologia do *Campus* Avançado Rio Branco Baixada do Sol do Instituto Federal do Acre, que cursaram o primeiro e o segundo período do curso no segundo semestre do ano letivo de 2019. Para proceder a escuta, registro e reflexão sobre as narrativas dos e das discentes do curso técnico em Agroecologia, a perspectiva metodológica da pesquisa buscou referências no campo de estudos da história oral, da pesquisa-ação, da pesquisa participante e dos grupos focais, como método mais oportuno para a criação de um espaço de diálogo coletivo, com maior alcance e sensibilidade em relação às histórias de vida narradas. A pesquisa permitiu identificar e apontar questões sociais que cruzam a vida discente, assim como a importância de instituições que pensem na diversidade enquanto lógica do social. A elaboração e a prática de políticas públicas que visem o encaixe de distintas identidades e histórias no processo de ensino-aprendizagem, que apresentem perspectivas de uma real transformação social e nas relações de trabalho, que sejam justas, sensíveis e alcançáveis, para que de fato, a demanda de formação em distintas áreas profissionais no âmbito da vida na floresta, sejam atendidas.

Palavras-chave: Amazônia, Agricultura Familiar, Educação do Campo, Educação Profissional, Juventude.



## RESUMEN

La presente investigación se desarrolló como un curso de postgrado en Agricultura Familiar, ofrecido por el Instituto Federal de Acre. Su objetivo es reflexionar sobre la relación entre la educación en agroecología y el concepto de territorio, en diálogo con autores como Caldart, Sousa y Arroyo, también con las narraciones de los estudiantes del curso técnico superior en agroecología, en el Campus Avanzado Rio Branco Baixada do Sol del Instituto Federal do Acre, alumnos del primer y segundo semestre del curso en el segundo semestre del año académico de 2019. Para escuchar, registrar y reflexionar sobre las narraciones de los estudiantes del curso técnico en Agroecología, se buscó la perspectiva metodológica de la investigación, referencias en el campo de los estudios de historia oral, investigación de acción, investigación participativa y grupos focales, como el método más oportuno para crear un espacio para el diálogo colectivo, con mayor alcance y sensibilidad en relación con las historias de vida narradas. La investigación permitió identificar y señalar problemas sociales que se cruzan con la vida estudiantil, así como la importancia de las instituciones que piensan en la diversidad como una lógica social. Una elaboración y práctica de políticas públicas que tengan como objetivo encajar diferentes identidades e historias en el proceso de enseñanza-aprendizaje, que presenten perspectivas de una transformación social real y en las relaciones de trabajo, que sean justas, sensibles y alcanzables, de modo que, de hecho, satisfagan la demanda de capacitación en las diferentes áreas profesionales en el ámbito de la vida en la selva.

Palabras clave: Amazonía, agricultura familiar, educación rural, educación profesional, juventud.

## ABSTRACT

The current research was developed as a postgraduate end of course project in Family Agriculture, offered by the Federal Institute of Acre. The project consists of reflections on the relation between education in agroecology and the concept of territory, in dialogue with authors such as Caldart, Sousa, and Arroyo and with the narratives of students of the subsequent technical course in agroecology at the Advanced *Campus* Rio Branco Baixada do Sol of the Federal Institute of Acre, who were in the first and second periods of the course during the academic year 2019. To proceed with the listening of, recording, and reflection on the narratives of students of the technical course in Agroecology, the methodological perspective incorporated references in the field of oral history, research-action, participant observation, and focus groups, as the most opportune method for the creation of a space for collective dialogue, with broader reach and sensibility in relation to narrated life histories. The research identified social factors that affect students' academic careers, such as the presence of institutions that take into account and value diversity; fostering the creation and implementation of public political policies that allow for the incorporation of distinctive identities and histories in the teaching and learning process, that present perspectives on social transformation and labor relationships that are fair, empathetic, and accessible, responding to the demand for training in diverse specialties in the context of life in the forest.

Keywords: Amazonia, Family Agriculture, Rural Education, Professional Education, Youth.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENA	Encontro Nacional de Agroecologia
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IF	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFAC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
IFAM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
MST	Movimento dos/das Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEA	Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SNEA	Seminário Nacional de Educação em Agroecologia
UFAC	Universidade Federal do Acre
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Educação do campo: uma abordagem para educação profissional em agroecologia considerando as relações dos territórios.	12
2 OBJETIVO	22
3 METODOLOGIA	22
3.1 Narrativas	26
3.2 Participantes e suas identificações	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
APÊNDICES	47

## **1 INTRODUÇÃO**

Esta monografia foi desenvolvida no Curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar ofertado pelo Instituto Federal do Acre/IFAC na linha de Pesquisa de Agroecologia, com o enfoque na Educação em Agroecologia como uma importante política pública de formação profissional na assistência técnica e extensão rural.

A presente pesquisa foi desenvolvida por uma mulher afro-brasileira, que é mãe, bióloga, educadora ambiental e pesquisadora. É pertinente trazer essa apresentação, em decorrência da relação com o tema pesquisado, e os resultados obtidos, pois os contextos e histórias que surgiram durante a pesquisa, correspondem à realidade de vida da pesquisadora, que graças a existência de políticas públicas, teve acesso ao desenvolvimento profissional, oferecido pela academia. Advinda de um contexto cultural e familiar que se assemelha a muitas das diversas histórias da população deste território.

O texto está organizado em uma sessão de revisão bibliográfica, seguida dos objetivos da pesquisa, metodologia, resultados e discussão, onde são apresentados uma tabela síntese dos resultados e parte das narrativas discentes, comentadas em interlocução com os referenciais teóricos e considerações finais. Nos apêndices, são apresentadas na íntegra as transcrições das entrevistas realizadas nos grupos focais e registros fotográficos, assim como o modelo do termo de livre consentimento livre e esclarecido utilizado.

### **1.1 Educação do campo: uma abordagem para educação profissional em agroecologia considerando as relações dos territórios.**

O debate em torno da educação não é nada simples. Essa é uma pauta extremamente abrangente e com muitas complexidades, que são sentidas a cada minuto, em cada esquina, ao longo de toda a vida.

Pensando nesses processos, esta pesquisa faz suas travessias visando construir reflexões sobre como a educação profissional em agroecologia está sendo construída e discutida, pensando composições sociais específicas, como a que aparece no horizonte deste estudo: o Curso Técnico em Agroecologia na Baixada do Sol em Rio Branco, Acre. Entretanto, sem perder de vista a relação entre a esfera local e a paisagem social reproduzida historicamente no Brasil, onde prevalece a

influência das heranças coloniais, que reproduzem formas de conhecimentos totalizantes, reafirmando sempre, a lógica do dominador-dominado.

Enfrenta-se, dentro das discussões e elaborações de currículos e parâmetros educacionais, para todas as áreas científicas do conhecimento, uma estrutura eurocêntrica, onde se pode observar que a existência de uma descolonização não eliminou a colonialidade e seus traços (ARROYO, 2011). Nesse sentido, Miguel Arroyo coloca como necessário pensar novas epistemologias do conhecimento, desde espaços geopolíticos tidos como subalternizados, onde se sente de fato, como o modo de produção capitalista incorpora a substância da colonização, determinando um sistema de valores epistemológicos, sociais e socioeconômicos, inviabilizando os movimentos das identidades. Para o autor, isso denota a existência de práticas antipedagógicas, e de um currículo que edifica aspectos homogeneizantes, que fortalecem a matriz colonial do poder, engendradora a um eurocentrismo esmagador e excludente.

A anti pedagogia trazida e perpetuada pelos colonizadores por processos que envolveram e envolvem desde sempre a pilhagem, a invasão e a expropriação da terra, se cruza com a colonização do currículo, do saber-poder. O objetivo deste tipo de anti pedagogia é o da invisibilidade, a homogeneização, a criação de estereótipos, a produção do outro como não-humano ou sub-humano, mas como ignorar que estas populações por suas lutas históricas e por empurrar o campo do Direito e da Educação, forçando-os a ceder, conquistaram e conquistam dia a dia não só um lugar no banco escolar, como também um lugar social e cultural, reivindicando que sejam olhados, pensados, dialogados em seus anseios, suas lutas e conquistas e que sejam, sobretudo, reconhecidos como sujeitos de direito. “Só nos tornamos visíveis, existentes em espaços, terra, território” (ARROYO, 2011).

Nota-se, portanto, que a educação, no contexto das imposições de um currículo excludente, se apresenta como campo de disputas, onde se enfrentam aspectos produzidos pela herança colonial, como o imaginário, as representações, as hierarquias, a violência. O autor explicita como as determinações hegemônicas desumanizam, promovendo um silenciamento dos saberes, legitimando o controle sobre os modos de vida e os territórios de povos além Europa.

Lopes afirma que, “no Brasil se mutilou e se segregou a cultura dos povos indígenas, dos povos dos campos, das águas e das florestas, um mecanismo que atuou e atua sobre o currículo escolar e as práticas culturais” (LOPES, 2014). A emergência da referência a esses territórios no âmbito da agroecologia, que tem como denominador comum a luta pela terra, será tratada mais à frente.

A presente pesquisa, aponta a necessidade de partir de algum lugar, pensar uma pedagogia, enquanto resistência, para desenvolver-se dentro de uma perspectiva decolonial, que aponta um norte, para os enfrentamentos advindos de fatores políticos de controle, na era da imagem e dos ambientes superficiais estratégicos. O pensar e o fazer decolonial, como estratégia de defesa e avanço, bem como permanência e direitos. A autora Eliete Borges Lopes, na discussão promovida em seu artigo sobre a educação do Campo, o projeto decolonial e sua contribuição aos movimentos sociais, aponta:

É preciso partir de algum lugar, e este lugar é justamente o da afirmação das identidades subalternizadas e inferiorizadas no processo de agenciamento e controle dos indivíduos pelo governo e da ampliação da perspectiva de engajamento. (LOPES, 2014).

Entendendo esses apontamentos, encontramos como referência a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) de 1996, e a Constituição Brasileira de 1988, que a partir de uma trajetória de lutas, elaboraram suas diretrizes, pensando as particularidades do ensino, e a diversidade cultural que produz as sociedades, propondo em seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 109).

Ainda, a Constituição Federal de 1988, no artigo 6º determina: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, p. 24). Porém, a realidade do Brasil, se revela a partir de uma problemática de desigualdade social, que transforma o direito universal em uma falácia. Nesse sentido, é preciso dar foco à pauta/problemática da alimentação, entendendo como algo essencial à manutenção da vida e a educação, e tudo que o conceito da palavra representa, o que significa e que tipo de educação é predominante, qual educação é necessária, levando em consideração as necessidades e modelos de vida individuais.

No contexto nacional sabe-se que a educação foi construída sob o pilar da meritocracia, utilizada como ferramenta política pedagógica de controle. Os conteúdos

pedagógicos são eleitos de acordo com determinada estratégia: para cada camada social, um conjunto de crenças, um pacote de funções.

A ideia de governo ou governamentalidade diz respeito às estratégias, artes, artimanhas e regimes envolvidos na produção de conhecimentos, práticas e tecnologias que se aplicam de maneira calculada e racionalizada ao direcionamento das condutas e à domesticação ou docilização dos corpos pelas instituições (LOPES, 2014).

Nesse contexto, se faz necessário versar sobre as concepções de origem e desenvolvimento da educação do campo, enquanto estratégia de enfrentamento, às práticas e tecnologias calculadas, pela homogeneização e padronização cultural e social. Para Caldart, "a educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo". (CALDART, 2009 p. 39).

Discussão essa, que foi estruturada a partir de uma intensa mobilização dos movimentos camponeses, que buscavam elaborar novas metodologias de ensino, propondo políticas públicas específicas, para as populações do campo. "Este conceito nasceu da crítica dos princípios e das práticas que orientaram a educação rural e agrícola desde os anos 1980". (CALDART, 2009 p. 40).

O diálogo com essa perspectiva teórico-metodológica pode ser ainda mais aproximado ao contexto da Amazônia, considerando-se os trabalhos de Sousa e Cruz conforme a seguir:

[...] nos últimos anos, os agricultores familiares camponeses, por meio de suas organizações e movimentos sociais, reagiram e têm construído formas de lutas e resistências em todo o mundo contra essa perspectiva hegemônica de difusão do conhecimento, experimentando e colocando em prática inúmeras iniciativas de educação, pesquisa e extensão com base nos princípios da agroecologia e preceitos da educação do campo (SOUSA e CRUZ 2015).

A partir desse contexto, levanta-se a discussão da educação do campo, com ênfase na construção de uma "pedagogia da transformação sócioecológica", que como nos aponta Romier Sousa (2017, p. 645), em seus estudos sobre agroecologia e educação do campo, que essa pedagogia, deve ir além da produção de diagnósticos agrários, introdução de pacotes "verdes" e reflexões sem ações concretas, torna-se essencial para o avanço da educação do campo com enfoque na agroecologia, compreender a importância dos saberes tradicionais e sua relação com a vertente científica. Assim as bases pedagógicas da educação do campo, vão ganhando seus



critérios, produzindo seus objetivos, partindo do pressuposto de uma base decolonial, chegando assim as bases operacionais da concepção de uma educação profissional em agroecologia, tendo como foco os seguintes pontos, ainda citando Romier:

1 na crítica radical ao modelo de desenvolvimento hegemônico; 2 na busca da ruptura epistemológica com a ciência dominante; 3 numa concepção pedagógica que valorize os territórios e a sabedoria dos povos do campo, garantindo os diferentes tempos e espaços de formação; bem como numa proposta de formação que consiga dialogar com a realidade do campo, não simplesmente procurando conhecê-la, mas também transformá-la. (SOUSA, 2017 p. 645).

Desse modo, é importante ressaltar o protagonismo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sobretudo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que puxaram o debate pela implementação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que surgiu através da demanda de um conjunto de organizações e movimentos sociais, junto com grupos de professores, pesquisadores das universidades que naquele momento buscavam consolidar uma nova concepção de educação no espaço rural (SOUSA, 2017,) bem como a criação dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFs), com cursos de Agroecologia, Licenciatura em Educação do Campo, assim como a realização de encontros e conferências nacionais da Educação do Campo, frutos dessas parcerias, que consolidaram suas diretrizes, com a expectativa por parte dos movimentos sociais de que essas políticas públicas pudessem possibilitar a milhares de pessoas a compreensão das sociedades e de suas próprias histórias de vida.

Em 1998 foi realizada a primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, (I CNEC) na cidade de Luziânia/GO, onde foi idealizado um ponto de partida para pensar políticas públicas e uma educação popular que alcance os povos do campo. Nesse momento, foi discutido um novo projeto de desenvolvimento para o campo, bem como compromissos e desafios que seriam parte da luta por legitimar e estruturar uma educação pública de qualidade do campo. Segue os compromissos e desafios:

1. Vincular as práticas de Educação Básica do Campo com o processo de construção de um Projeto Popular de desenvolvimento nacional; 2. Propor e viver novos valores culturais; 3. Valorizar as culturas do campo; 4. Fazer mobilizações em vista da conquista de políticas públicas pelo direito à Educação Básica do Campo; 5. Lutar para que todo o povo tenha acesso à alfabetização; 6. Formar Educadoras e Educadores do Campo;

7. Produzir uma proposta de Educação Básica do Campo; 8. Envolver as Comunidades neste processo; 9. Acreditar na nossa capacidade de construir o novo; 10. Implementar as propostas de ação desta Conferência. (I CNEC, 1998, p. 1-2).

A I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, promovida pelo MST, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Universidade de Brasília (UnB), teve papel significativo no processo de articulação da educação da população do campo, também inaugurou uma nova referência para o debate e a mobilização popular. “Um projeto que se enraíza na trajetória da Educação Popular (Paulo Freire) e nas lutas sociais da classe trabalhadora do campo” (II CNEC 2004, p. 1). Em 2001 essa organização social de trabalhadores e trabalhadoras do campo, a partir de suas lutas, alcançaram uma significativa conquista, a aprovação das “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer no 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação), (II CNEC 2004, p. 2).

Segundo estudos de Miguel Arroyo e Bernardo Fernandes, a partir de uma análise feita acerca das problemáticas levantadas nas conferências nacionais, trazendo o debate de uma Educação Básica para o Campo, no campo, do campo, todos os gestos são educativos, por isso pensar esses territórios como espaço de movimento social, se torna pertinente para a compreensão dos princípios elaborados para a permanência dessa educação, das informações e resultados alcançados, no decorrer das definições de conceitos e diretrizes legais, para seu desenvolvimento enquanto projeto de transformação social, e espaço também, da construção de novos valores, novas perspectivas de vida, novos modos de vida, que reconheçam a necessidade do alinhamento com as forças da natureza.

O campo no contexto da educação, é permeado por uma linguagem pedagógica, ou pedagogia dos gestos, são trajetórias ativas, onde se pode destacar, que as decisões diárias, por exemplo, desencadeiam mudanças e renovações, que perpassam seus territórios. Portanto, há uma relação entre as vivências e práticas e a construção do campo enquanto território, muito distinta da visão do campo como lugar de atraso, de falta de progresso, de estagnação e falta de conhecimento.

“O Campo não está parado, o campo está vivo, há mais vida na terra que no asfalto da cidade e este me parece um ponto fundamental: termos consciência de que hoje, onde há mais vida no sentido de movimento social, onde há mais inquietação, é no campo”. (Arroyo e Fernandes, 1999, p. 14)

Muitas experiências e diretrizes vêm sendo consolidadas no decorrer das discussões suscitadas a respeito de uma educação para o campo, oferecendo assim possibilidades para o atendimento das comunidades do campo, cabe destacar a Pedagogia da Alternância, influenciados, como citado acima, pela educação popular, discutida por Paulo Freire, essa técnica de aprendizagem, trabalha com módulos escolares, com o intuito de articular aprendizagem escolar e aprendizagem no âmbito familiar e comunitário. Esta metodologia teve o tempo destinado a atividades comunitárias normatizada por meio do Parecer nº 01/2006 regulamentou as ferramentas da alternância pedagógicas, diretrizes. (BRASIL, 2012).

Analisando trajetórias e desenvolvimento histórico, da educação, e especificamente a educação do campo, a LDB (BRASIL 9394/96), delineou as ideias que norteiam esses parâmetros e visões para a garantia dessa educação. Trazendo em seu artigo 28, as seguintes determinações, com suas adaptações:

**Art. 28.** Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: **I** - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; **II** - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; **III** - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

**Parágrafo único.** O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Incluído pela Lei nº 12.960, de 2014).

Essas adaptações prevista em lei para adequar a educação do campo ao seu público, são decorrentes dos princípios da Educação do Campo, que são os mesmos princípios consertados em torno da educação em agroecologia ou da construção do conhecimento agroecológico, como cunhado no I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA) e na Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). Nesse sentido os princípios da Educação do Campo e da agroecologia, dialogam. Entende-se que esses princípios, juntamente com suas diretrizes, são orientações acerca de

que caminho seguir para a realização de uma Educação agroecológica, que visa a construção de realidades mais sustentáveis. Esses princípios foram discutidos e construídos no I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, realizado em 2013, Recife – PE, desse modo os princípios são os seguintes: Princípio da Vida, que explica que é na natureza onde se reproduzem e se realizam todas as formas de vida, esta então deve ser respeitada integralmente na sua existência e na manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estruturas, funções e processos evolutivos, (AGUIAR, 2013, p. 7), princípio esse que se faz presente nas diretrizes nacionais para a educação do campo, apresentados pela LDB, onde explica que “Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, respeitando a vida, e suas manifestações na natureza. Assim seguimos com a explanação dos outros princípios discutidos no I SNEA, que são:

**Princípio da Diversidade:** O princípio da diversidade se contrapõe às concepções totalizadoras, homogêneas, padronizadoras, universais e excludentes presentes na educação. A diversidade deve ser reconhecida nos diferentes ecossistemas, agroecossistemas e paisagens, na riqueza de bens naturais, nas distintas práticas sociais, saberes (locais e acadêmicos), valores, cultura e formas de organização social e produtiva, que determinam a relação dos seres humanos com a natureza.

**Princípio da Complexidade:** Assim, os processos educativos e de construção do conhecimento agroecológico devem primar pelo pluralismo metodológico e epistemológico. E estes processos podem adquirir maior pertinência se consubstanciados em ações e atitudes multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, mas fundamentalmente no diálogo dos diversos saberes e áreas do conhecimento, considerando os seus contextos sociohistóricos.

**Princípio da Transformação:** A educação deve ser tomada como uma ferramenta de conscientização e libertação das estruturas ideológicas de dominação que sustentam a sociedade hegemônica, para formar profissionais críticos/as e criativos/as, com capacidades para compreender e atuar com autonomia para a promoção da vida e da sustentabilidade do planeta. (AGUIAR, 2013, P. 8,9,10,12).

A educação do campo é uma abordagem conceitual e filosófica que está em construção, pois também é uma prática, vivenciada com as suas contradições, que se explicitam ao contrastar, por exemplo, aspectos legais e políticas públicas afins com a dinâmica apresentada pelas experiências de educação do campo nos diferentes territórios. Da mesma forma, a educação em agroecologia também está em construção, notório na sua trajetória marcada pela criação dos IFs em 2008, a institucionalização dos Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEAs) com financiamento via edital público em 2010, a realização bianual dos

Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) organizados pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e dos Congressos Brasileiro de Agroecologia (CBAs) e as construções de Planos Pedagógicos dos Cursos (PPC) referentes aos cursos com foco na temática agroecologia.

A agroecologia como ciência, que se ocupa do desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, surgiu em 1970 como resposta aos problemas ecológicos, económicos e sociais causados pelos impactos da revolução verde na agricultura (ALTIERI e YURJEVIC, 1991; ASSIS e JESUS, 2005). Altieri (1989), conceitua a agroecologia como ciência emergente que estuda os agroecossistemas de uma forma interdisciplinar pautando principalmente a sociologia, a ecologia, a economia e a agronomia.

Gubur e Toná (2012), no artigo sobre agroecologia, publicado no livro Dicionário da Educação do Campo relata que, com o passar das décadas outras áreas também se somam a concepção do que seria agroecologia, como a geografia, o ambientalismo, a antropologia, o desenvolvimento rural e o estudo de sistemas tradicionais de produção (indígena, quilombola, camponês), deixando amplo e aberto as vertentes para conceituar agroecologia.

O movimento agroecológico trata a vertente da educação de forma diferenciada e integrada a formas mais amplas e complexas do que seu conceito acadêmico. Agroecologia são as práticas milenares de muitos povos ao longo do mundo e da história. Quando a agroecologia é entendida dessa maneira, sabendo que vai além da prática de plantio e colheita, se relaciona no aspecto cultural, como festas por exemplo para comemorar, agradecer, saudar a colheita. Entrelaçam as relações familiares e papéis impostos aos membros das famílias. É uma relação mais próxima da natureza, onde não trabalha a ideia de monocultivos, onde as sementes eram patrimônio da família ou da comunidade, cuidada e guardada.

No decorrer da sua construção e reconhecimento, a agroecologia evolui como e enquanto ciência, ampliando o espaço da educação, com enfoque na educação do campo, para consolidar cientificamente suas práticas, como nos apresenta Almeida Aguiar.

[...] a Agroecologia, entendida como um “enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico, adotando o agroecossistemas como unidade de análise, apoiar a

transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentáveis” (ABA, 2005).

O curso de técnico subsequente em agroecologia, que é ofertado pelo IFAC, fica localizado na cidade de Rio Branco - AC, as teorias pedagógicas que envolvem a criação do curso, trazem o contexto, conteúdos e objetivos voltados para a educação do campo, se concretizando na prática, com diretrizes operacionais urbanas. O Campus recebe o nome de Baixada do Sol, isso porque refere-se ao maior conjunto de bairros de Rio Branco, totalizando cerca de 20% da população da capital. A Baixada do Sol é uma região composta por 16 bairros (Palheiral, João Eduardo I, João Eduardo II, Pista, Aeroporto Velho, Bahia Velha, Bahia Nova, Glória, Boa União, Airtton Sena, São Sebastião, Sobral, Invasão da Sanacre, João Paulo II, Boa Vista, Plácido de Castro), esses bairros periféricos são compostos por pelo menos um terço de pessoas vindas dos municípios do interior do Acre, onde o acesso à saúde, educação e oportunidades são as maiores justificativas para a migração para a capital. Essas migrações aconteceram principalmente, dos municípios (Tarauacá, Xapuri, Feijó, Sena Madureira entre outros) para a periferia de Rio Branco e está relacionada ao período de expansão rural no Estado do Acre, onde extrativistas estavam saindo de suas colocações por pressão e/ou falta de oportunidades.

Nesse contexto um curso de agroecologia abrangendo toda essa localidade, tem/teria potencial para trabalhar junto à comunidade, as práticas agroecológicas “peri urbanas” e com isso beneficiar essas pessoas, apresentando um conjunto de oportunidades, no que diz respeito ao entrecruzamento das práticas, vivências, saberes populares e os saberes científicos oferecido por essa modalidade de ensino, recebendo assim um reforço técnico, pedagógico e científico. Porém, é notório que persiste a necessidade de diálogo com os princípios ora discutidos, pois as fronteiras entre territórios são construídas nas relações sociais.

Ao pensar a legitimação da agroecologia como campo pedagógico, se faz necessário analisar além do histórico de eventos oficiais e jurídicos, o entrelace dessa técnica com os sujeitos históricos, produtores desta realidade. Que a partir desse entrelace, promovem o movimento e construção do trabalho. As técnicas agroecológicas praticadas desde sempre, no contexto de vida do campo, promovem

a existência de diversificadas relações de trabalho, desde a agricultura familiar, a parcerias locais.

Tendo em vista, que o trabalho é uma ferramenta de desenvolvimento social, dentro da perspectiva democrática criada pelo sistema, do que vem a ser uma sociedade. O Entrelace de práticas agroecológicas, com os saberes tradicionais existentes, viabiliza o desenvolvimento humano, e melhorias de vida, para comunidades do campo, valorizando suas práticas de produção, e a valorização de suas identidades, como nos aponta Molina:

[...] compreender que o campo é formado por diferentes territórios, que exigem políticas econômicas e sociais diversas. A educação é uma política social que tem importante caráter econômico porque promove as condições políticas essenciais para o desenvolvimento. Deste modo, para o desenvolvimento do território camponês é necessária uma política educacional que atenda sua diversidade e amplitude e entenda a população camponesa como protagonista propositiva de políticas e não como beneficiários e ou usuários. (MOLINA, 2006, p. 30)

Educação do Campo em seu diálogo com a agroecologia é problematizada a partir do conceito de território, definido como espaço político, campo de ação e de poder, onde se desenvolvem determinadas relações sociais. O conceito de território é fundamental para compreender os enfrentamentos entre os princípios de uma educação de construção agroecológica, e o entrelace com a prática diária, nos territórios. É pertinente destacar aqui, palavras que foram moldando a construção textual da pesquisa, como terra, trabalho, produção, escolas agrícolas/do campo, comunidade e família, pensar os processos educativos, como parte desse conjunto de experiências e vivências, desencadeado por cada palavra, atitude e saber, é extremamente necessário para a compreensão da educação do campo e sua relação com a terra.

O ser humano não produz apenas alimentos, roupas, ele se produz na medida em que produz. Lembrem daquela frase de Dom Tomás Balduino; "Terra é mais do que terra". (...), a terra é mais do que terra. A produção é mais do que produção. Por quê? Porque ela produz a gente. A Cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É o cultivo do ser humano. É o processo em que ele se constitui sujeito cultural. Por isso vocês não separem produção de educação, não separem produção de escola. (Arroyo e Fernandes, 1999, p. 21-22).

A terra produz os sujeitos culturais, a terra produz as experiências e as vivências, a terra produz as relações de trabalho, a terra produz a condição humana.

Na terra acontece constantemente o cultivo do ser humano e de seus processos emancipatórios, “a experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo, que nos produz como pessoas”, (Arroyo e Fernandes, 1999, p. 21).

## **2 OBJETIVO**

O objetivo desta pesquisa consiste em refletir sobre a relação entre educação em agroecologia e o conceito de território, a partir das narrativas de discentes do curso técnico subsequente em agroecologia do Campus Avançado Rio Branco Baixada do Sol do Instituto Federal do Acre.

## **3 METODOLOGIA**

Para proceder a escuta, registro e reflexão sobre as narrativas dos discentes do Curso Técnico em Agroecologia, a perspectiva teórico-metodológica, esta pesquisa buscou referências no campo de estudos da história oral, da pesquisa-ação e dos grupos focais, como método mais oportuno para a criação de um espaço de diálogo com as pessoas implicadas na situação investigada. Esse diálogo entre diferentes abordagens teórico-metodológicas, com correntes, campos de estudos e autores tão distintos, deve-se ao exercício de perceber as aproximações possíveis que ampliam a capacidade de interlocução dessa pesquisa com as demais ações desenvolvidas tanto no âmbito científico da agroecologia quanto no âmbito de suas práticas enquanto movimento social.

A história oral trabalha com a transmissão de experiências, através da oralidade, pautando a memória como acontecimento, vinculada à permanência dos saberes, e, portanto, se encaixa dentro da perspectiva e objetivos dessa pesquisa. Explicitar, apresentar, relatar, observar. A historicidade presente em cada depoimento, em cada intervenção, em cada história contada. Esse tipo de abordagem não só permite a inserção da pessoa, mas a reconhece integrante do processo histórico e sua atuação social, produtora de histórias e feitos no seu tempo e espaço. A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva das narrativas, tida como uma forma específica de discurso, uma forma de expressão, uma extensão do vivido. Possibilita a existência de distintas dimensões, representando e registrando a linguagem e as narrativas.



Tendo em vista que cada pessoa é diferente uma da outra, mesmo com muitas coisas em comum (PORTELLI, 1996, 1997).

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória de todos os sujeitos históricos. (THOMPSON, 1992, p. 17)

A história oral, como nos apresenta Thompson, contribui com o resgate ou/e reconhecimentos das memórias, bem como a permanência de saberes, que são passados de geração em geração através da tradição oral, o que se busca, ao dialogar com essa metodologia, que também existe enquanto fonte histórica, é entender como as narrativas orais, vão colorindo o passado, encontrando “no ato de parar e ouvir o outro, o rompimento das amarras que silenciam o indivíduo no coletivo; que tornam sua trajetória individual um lugar comum da trajetória de todos”. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 121)

A pesquisa-ação, de acordo com o esforço de síntese de Thiollent (1986), pode ser qualificada a partir da existência de uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação no estudo. Segundo o autor, a clareza nesta opção metodológica está relacionada a certas questões, conforme citado: Nesta perspectiva, é necessário definir com precisão: de um lado qual é a ação, quais são os seus agentes, seus objetivos e obstáculos e, por outro lado, qual é a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação. (THIOLLENT, 1986, p. 15 - 16). A pesquisa em questão, buscou estratégias metodológicas, visando alcançar as vozes e os traços culturais dos e das estudantes que participaram, se aproximando de modelos metodológicos de pesquisa, como a pesquisa em ação e a pesquisa participante, que vem ganhando seu espaço no âmbito das produções acadêmicas. É importante salientar que, não se optou por uma metodologia específica de pesquisa, o trabalho se desenvolveu com reflexos e com base em modelos existentes, porém, a pesquisa se desdobrou, sendo uma técnica inovadora de diálogo, que desenvolveu sua própria linguagem com as narrativas que compõem o enunciado.

A pesquisa foi realizada/construída, coletivamente, com alunas/os do primeiro e segundo período do curso técnico subsequente em agroecologia, no segundo semestre letivo do ano de 2019 do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia

do Acre – *Campus Baixada do sol*. Este *campus* está localizado no maior conjunto de bairros da periferia da cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Abrangendo no total 16 bairros, alcançando cerca de 20% da população acreana, com aproximadamente 75 mil moradores e 45 mil residências (IFAC, 2013). No total 23 estudantes participaram da pesquisa, 12 do primeiro período e 11 do segundo período do mesmo curso. Para alcançar os objetivos propostos, foram adotados métodos de investigação descritivos e documentais que proporcionassem a obtenção e a análise de dados qualitativos.

As entrevistas foram realizadas através do método de grupos focais, explorando e reunindo informações acerca do tema pesquisado, a partir de uma entrevista grupal, onde se pode identificar, com os dados coletados, as relações sociais que permeiam o cotidiano dos e das participantes da pesquisa. Entende-se que: “O grupo focal consiste em uma técnica onde a dinâmica interacional entre os participantes e o pesquisador permite adquirir dados pela discussão, focada em tópicos específicos” (LERVOLINO e PELICIONI, 2001), promovendo assim, reflexões, discussões e troca de experiências, a respeito da transmissão de saberes, proporcionadas pela agroecologia, sendo experimentada enquanto recurso didático, recurso pedagógico. Este método já é bastante utilizado em pesquisas educacionais, inclusive na área de educação ambiental (GUIDO e COSTA, 2016).

O intuito de se trabalhar com esse instrumento de coleta de dados, intitulado grupo focal, foi produzir informações coletivamente, obtendo a partir dos diálogos, ideias e experiências significativas. A dinâmica possibilitou a compreensão das emoções, sentimentos e conexões, que produzem a condição humana, com suas temporalidades e manifestações, com destaque para os aspectos sociais, culturais, ambientais, educacionais, econômicos e políticos. Os encontros para a realização dos grupos focais foram agendados previamente, diretamente com as turmas. As atividades foram realizadas no dia 3 de dezembro de 2019, sala 3 com a turma do segundo período, com a duração de 1h e 51 minutos e no dia 9 de dezembro de 2019, sala 2 com o primeiro período com a duração de 2h e 03 minutos. Ambas no *campus* do IFAC Baixada do sol no turno da tarde.

Como dispositivo de comunicação foram adotadas as tarjetas, metodologia facilitadora, para o projeto, sendo os/as entrevistados/as orientados/as a responder as perguntas com a utilização de uma palavra ou uma ideia, para posteriormente manifestar/discorrer sobre a palavra ou a ideia escolhida. Com o objetivo principal de

gravar os relatos dos e das estudantes, sujeitos e sujeitas dessa pesquisa. As tarjetas serviram/ ou foram elaboradas com a ideia/proposta/intuito de expor de forma escrita, visual e posteriormente oral. As tarjetas após o preenchimento foram fixadas com fita no quadro branco da sala de aula, abaixo do roteiro escrito antecipadamente (apêndice: Imagem 1 b) e Imagem 3).

O Plano Pedagógico do Curso Subsequente em Agroecologia - (PPC), foi utilizado como base norteadora para as discussões, percepções e desenrolar dessa pesquisa, desenvolvida enquanto trabalho de conclusão de curso, onde se pode destacar, uma proposta de verticalização, como parte da justificativa do (PPC), onde propõe que, “(...) através da oferta do Curso de Técnico Subsequente em Agroecologia, haja o fortalecimento das ações de verticalização do Eixo Tecnológico Recursos Naturais do Campus Avançado Rio Branco Baixada do Sol, além de melhoria e aperfeiçoamento das ações de ensino, pesquisa e extensão do Campus”. (IFAC, 2018, p. 6).

Apresentando alternativas agroecológicas, acessíveis e pertinentes aos territórios, o documento também reporta ao colegiado do curso desafios a serem vencidos, como:

Integração/interdisciplinaridade em suas diferentes dimensões; contextualização curricular permanente; promoção da pesquisa no ensino; apoio a práticas extensivas, à formação continuada dos professores; e a busca contínua pela excelência acadêmica. (IFAC, 2018, p.6).

O curso Técnico Subsequente em Agroecologia é uma proposta que dialoga com a realidade local acreana. Esta prática educacional específica, visa apresentar oportunidades para o desenvolvimento de produtores e produtoras locais. Tendo em vista o cenário que molda a economia acreana, o diálogo com as técnicas agroecológicas problematizadas e reproduzidas pelo curso, apresentam possibilidades de uma integração entre o saber popular agroecológico, e o saber científico. A proposta do curso é respaldada por seu Projeto Pedagógico, elaborado e discutido por professoras/es e técnicas/os, que compõem o quadro de funcionários/as do Instituto Federal do Acre (IFAC), aprovado pelo Conselho Superior Resolução Consu/Ifac N° 016 em 24 de abril de 2018.

O curso é ofertado na modalidade presencial, integrando diferentes dimensões do ensino, bem como a promoção da pesquisa, enquanto se aprende. O saber

agroecológico, a partir de sua estrutura científica, dispõe de princípios e metodologias, que quando realizado na prática, desvela a existência de novas linguagens, novas formas de viver e trabalhar com a terra e sua variedade de ecossistemas.

O curso tem o objetivo de "*formar cidadãos e cidadãs competentes em técnica, ética e política, para a prática dos princípios agroecológicos*". (PPC Técnico Subsequente em Agroecologia Resolução Consu/Ifac N° 016 - 24/04/2018). Bem como, estimular e despertar uma postura autônoma, por parte dos e das estudantes, ampliar a produção científica, valorizar os saberes tradicionais que constroem a agricultura familiar da região, promover a justiça ambiental, socializar a ciência para a consolidação de sistemas produtivos alternativos e sustentáveis. O perfil profissional dos técnicos e técnicas formadas/os pelo curso, visa o desempenho de ações, a partir de uma atitude agroecológica, almejando a superação de modos de pensar e de viver, produtores de uma crise ecológica e social, que permeia as composições culturais, constituintes do território amazônico.

As áreas privilegiadas pela atuação profissional, advinda do processo de ensino e aprendizagem, do curso técnico subsequente em agroecologia, se desenvolvem a partir de ações integradas, que trazem o conceito e a prática, do que vem a ser a preservação e conservação dos recursos naturais. A/O técnica/o em Agroecologia, também atua e incentiva sistemas de produção agropecuário e extrativista.

### **3.1 Narrativas**

Para obter as respostas das perguntas/questões desse projeto de pesquisa, optou-se por ser algo gravado, com o objetivo de posterior transcrição das falas no decorrer do grupo focal na íntegra. Para isso foi utilizado um gravador de voz da marca e modelo Sony Digital Voice. As tarjetas usadas foram feitas com cartolinas e para escrever a palavra/ideia usaram pincéis/canetões coloridos. E por fim para realização das transcrições dos áudios foi baixado o aplicativo "transcreve" e um notebook.

O roteiro do grupo focal foi dividido em três blocos de perguntas. O primeiro com perguntas de estímulo que tinham como palavras-chave: origem, cultura, território, identidade; o segundo com perguntas que tinham como palavras-chave: sonho e projeto de vida; e o terceiro com perguntas que tinham como palavras-chave: conhecimento acadêmico, conhecimento agroecológico. Conforme o quadro a seguir (quadro 01).

Quadro 01: Blocos e perguntas.

<b>Blocos</b>	<b>Perguntas</b>
<b>1) Origem/Cultura/Território/Identidade:</b>	Qual a sua trajetória de vida? A relação com território onde viveu? Origem da família/familiar?
	Quando a academia/curso absorve/aceita/recebe essa origem?
	Quando a academia/curso não absorve/aceita/recebe essa origem?
<b>2) Projeto De Vida/Sonhos:</b>	Qual seu sonho? Qual seu projeto de vida?
<b>3) Conhecimento acadêmico e agroecologia:</b>	Conhecimento acadêmico e agroecologia devem andar juntos? Como isso interfere no planeta?

### 3.2 Participantes e suas identificações

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue para assinatura de todas as pessoas presentes nas salas num momento de conversa prévia nos dias em que as atividades foram realizadas, para participação e colaboração na pesquisa. A formalização do acordo de participação voluntária se deu através da assinatura do referido termo. Antes de começar a gravar a pesquisa, foi lido e explicado a importância desse documento e avisado que a participação na mesma só seria possível após essa permissão. Nesse momento também foi tratado sobre o direito que todos/as tinham de pedir para parar a gravação e também de não ser obrigadas/os a expor a palavras e/ou ideias expostas nas tarjetas e nem de explicar/discorrer sobre as mesmas em gravação. Cada tarjeta exposta era identificada com o primeiro nome pelos/as próprios/as participantes, para fins de facilitar na hora da compilação, organização e sistematização dos dados.

Medidas de proteção em relação às identidades das/os participantes da pesquisa foram previstas, previamente explicadas para todos/as. Para isso foi adotado a substituição dos nomes de cada para: PARTICIPANTE e uma letra do nosso alfabeto para diferenciar cada cursista, e o nome de professores citados/as nas entrevistas foram usados: REFERÊNCIA e um número para diferenciar cada docente.

Com a entrega e preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido, onde, os e as participantes da pesquisa, disponibilizaram informações pessoais, como, nome, data de nascimento, gênero, orientação sexual, estado e localidade de origem, estado e município que moram atualmente, cor/raça, tipo de moradia e renda mensal. A partir dessas informações, foi possível observar e reconhecer, a diversidade e a historicidade, presente nas identidades componentes, desse circuito verde. Onde os imaginários revelados, conduzem ao respeito das narrativas entrevistas. Nesse sentido, se visualiza, que, das/os vinte e três participantes, quinze, são do gênero feminino. Sete, do gênero masculino. Sete dessas personagens/identidades, se declararam heterossexuais, uma se declarou lésbica e duas homossexuais. Treze, dessas pessoas, não disponibilizaram sua orientação sexual. O estudo também demonstrou, que, a grande maioria dos e das estudantes do curso, são de origem racial, negra, parda e indígena, e, duas pessoas se declararam de cor branca.

Os e as estudantes entrevistadas, apresentam origens geográficas distintas, sendo na sua maioria, de municípios do Estado do Acre, como Manuel Urbano, Rio Branco, Acrelândia, Plácido de Castro, Feijó, Sena Madureira e Xapuri, também do Estado do Paraná, e do Estado do Amazonas, municípios como Boca do Acre e Manicoré. Atualmente, a maioria desses e dessas estudantes, residem no município de Rio Branco - AC. Ao analisar a situação socioeconômica dos e das participantes, identificou-se que, a renda mensal dessas pessoas, é relativa, assim como a trajetória, onde, um total de seis pessoas, não têm nenhuma renda, uma dessas pessoas, recebe acima de um salário mínimo, oito recebem menos de um salário mínimo, e quatro declararam receber um salário mínimo. É pertinente salientar que, o curso conta com um público bem abrangente, no que diz respeito a idade, onde se pode destacar que seis dessas pessoas tem acima de trinta anos, com uma variável que chega até cinquenta e cinco anos, e oito dessas pessoas estão entre os dezenove anos a vinte e seis anos de idade.

Todas as informações listadas aqui, foram identificadas, a partir das respostas encontradas no termo de consentimento. Porém, é importante ressaltar, que, do total

de participantes, não foram todos que disponibilizaram seus dados pessoais. Entretanto, se fez extremamente necessário, identificar e reconhecer o lugar, de onde percebem e constroem suas percepções e moldam seu corpo político, onde o curso técnico em Agroecologia, atravessa realidades condizentes com o saber e o fazer agroecológico.

Analisando essas origens, destacadas aqui, percebe-se, que, grande parte dos e das estudantes, vem de uma trajetória, de práticas produtivas de trabalho, com e no campo, trazendo consigo, suas experiências familiares tradicionais e populares. Transformando suas percepções, através/durante, o caminho percorrido. Com intenções e objetivos, incorporados a ampla dimensão das mentes e comportamentos temporais.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados aqui apresentados e discutidos visam apresentar reflexões suscitadas a partir da análise e interpretação das falas das alunas e dos alunos do curso técnico subsequente em agroecologia, tendo como foco, os seguintes tópicos: território e educação em agroecologia. A partir das questões norteadoras, foi possível observar a força que esses dois elementos exercem no exercício educativo dos e das estudantes do curso.

Em relação aos tópicos, foram abordadas as perspectivas dos e das estudantes em relação a sua origem, seu espaço físico de origem e, como isso influencia a constituição da sua identidade, social e cultural indagando também, a conexão de cada um/uma com sua origem e a relação pessoal campo-cidade. Dando ênfase nos aspectos de referências e também de trajetória de vida. Fazendo recortes sobre consciência de classe e racismo institucional. Foram analisadas as falas referentes aos processos pedagógicos vivenciados pelos alunos e alunas em toda a sua trajetória de vida, refletindo sobre as questões inerentes às políticas de acesso à educação e a percepção individual sobre o curso técnico subsequente em agroecologia.

Para este trabalho, foi organizada uma estrutura de perguntas, como já relatado na metodologia. Essas questões norteadoras, ou palavras chaves, trouxeram amplas reflexões, onde os dois elementos tido como base da pesquisa, tiveram um grande alcance e destaque, entre os/as participantes dos grupos. Foram selecionados alguns

desses relatos, para justificar a discussão e os objetivos da pesquisa, promovendo assim uma análise das narrativas, com o intuito de compreender a problemática da pesquisa. A agroecologia como instrumento pedagógico, perspectivas versus impactos (quadro 02).



Quadro 2: Quadro sistematizador das tarjetas

<b>1. Qual a sua trajetória de vida? A relação com território onde viveu? Origem da família/familiar?</b>	<b>2. Quando a academia/curso absorve/aceita/recebe essa origem?</b>	<b>3. Quando a academia/cursos não absorve/aceita/recebe essa origem?</b>	<b>4. Qual seu sonho? Qual seu projeto de vida?</b>	<b>5. Conhecimento acadêmico e agroecologia devem andar juntos? Como isso interfere no planeta?</b>
Cearense (Participante B)	Igualdade	Ideias	Construção	Dedicação
Indígena (Participante T)	Integrar			
Acre (Participante C)	Normal	Nunca fui questionado	Concluir o curso	Ajuda
Brasileira (Participante H)	Faltando	Nunca	Compreensão	Tudo
Luta (Participante R)	Respeito	Desinteresse	Realidade	Interversão
Batalhador (Participante V)	Educação	Dificuldade	Conseguir	Salvação
Mata (Participante E)	Bem			
Ribeirinho (Participante N)	Comuns			
Humildade (Participante F)	Dignidade	Horário	Estável	Salvação
Nordeste (Participante J)	Agregação	Compreensão	Conheciment o	Pensamento
(Participante G)			Futuro	Sim
Força de vontade (Participante S)				
Conquista (Participante X)	Não	Não tem interesse	Vencer	Melhorando

Difícil (Participante W)				
Indígena (Participante Q)				
Cheiro (Participante Z)	Satisfação	Não é ouvida	Vencer na vida	Boas práticas
Mudanças (Participante L)	Indiferença			
Humildade (Participante K)				
Mudanças (Participante U)	Novas experiências	Falta de empatia	Agroecologia também contribui	Sustentabilidade
Difícil (Participante I)	Escuta	Se fecha	Formação	Salvando
Superação (Participante D)	Desinteresse	Inflexibilidade	Impacto	Tudo
Infância foda (Participante P)	Prazer	Só tem um lado	Desistir nunca	O conhecimento ninguém tira, então ajuda com que as pessoas tenha inteligência para seguir a caminhada
Sobrevivente (Participante O)	Olhar diferente	Desinteresse em querer saber mais sobre a pessoa	Persistência	Boa qualidade de vida conhecimento é poder!
União (Participante M)		Difícil aceitação	Me formar	Melhoria do planeta
Campo (Participante A)	Falta entendimento	Não compreende	Agradecimento	Luz

Destacaremos aqui, alguns desses relatos, para compreender e ampliar as discussões. E assim nos aponta o seguinte relato, a partir da primeira pergunta do eixo temático que destaca a Origem/Cultura/Território/Identidade: Qual a sua trajetória de vida? A relação com território onde viveu? Origem da família/familiar? Onde a participante H, respondeu:

PARTICIPANTE H - Eu escolhi a palavra BRASILEIRA. Por que Brasileira? Porque eu vim do Sul, né? Do Paraná, passei pro estado de Rondônia e agora estou no Acre. É... eu me sinto acreana, muito acreana. Me sinto às vezes rondoniense, quando estou em Rondônia. Paranaense quando eu estou no meu Estado, ribeirinho quando estou na beira do rio, entendeu? Talvez quilombola por eu ter amigos quilombolas, mineiros devido meus pais são mineiros, entendeu? Tem uma origem ali também mineiro, entendeu? Baianos porque eu tenho amigos queridos baianos. Carioca também... Entendeu? E também indígena, porque eu vim... porque minha mãe é filha de índio, entendeu? Africanos, descendentes africanos, quilombos, porque também tenho descendência de africano. Então, Brasileiro, é ser tudo isso. Então eu sou tudo isso pra mim ser brasileira. Dentro da agroecologia, o que eu quero é que todos esses brasileiros tenham uma vida melhor. Entendeu? na agroecologia nós temos que lutar pelo Brasil, se nós lutar, por exemplo assim, só pelo estado do Acre, só o indígena, só o quilombola, entendeu? Nós não vamos ter um país reconhecido dentro da agroecologia, que está fazendo agroecologia. Então por isso que eu escolhi a palavra Brasileira, eu sou tudo isso dentro do Brasil.

Pode-se observar aqui, como as identidades culturais incorporam elementos e características, no decorrer de suas decisões, ao longo da vida, bem como o trânsito dessas identidades em diferentes trajetórias agrárias brasileiras, como algo grande, múltiplo. Assim como o contexto do território amazônico, onde sabe-se que chegavam em grandes números de pessoas, de outras regiões do Brasil, em vários momentos/ciclos/épocas diferentes, registrados ou não pela história oficial.

Nesse sentido como pode-se observar, os relatos da primeira pergunta são na maioria voltados para a base da construção da população acreana, onde observa-se as relações que foram constituídas, a partir dos entrelaces desencadeados, juntamente, pelos distintos trânsitos agrários, que existiram, e existem também, nos dias de hoje, promovendo uma relação com a terra, no sentido de receber, ter e obter da terra, o necessário para mais que sobreviver, viver dignamente, como podemos analisar no depoimento a seguir, do participante N.

PARTICIPANTE N - Eu escolhi a palavra RIBEIRINHO. Eu escolhi essa palavra por conta de eu já ter vindo a minha infância toda convivendo com meus avós que trabalhavam com seringa e viviam sempre do extrativismo. Eles sempre ficavam nessa e eles também vendiam bastante coisas. Com isso, eu achei importante falar disso, eu lembrei da minha infância, da onde

eu vim, e a cultura que eu achei bonita, no caso. E meu avô é cearense, minha avó é negra, africana, e pela parte do meu pai a maioria são indígenas. Aí eu achei bacana falar disso. É isso.

Entrando nas concepções de origem, e sobre como a academia recebe a diversidade de identidades, advindas do campo/floresta, ainda no primeiro eixo temático procurou saber a relação dos alunos e alunas, com as formas de educação e o Instituto (entende como academia). Procurou-se entender a relação criada entre a academia e cada estudante, perguntando sobre *quando a academia, o curso absorve, aceita, recebe sua origem? E quando a academia o curso não absorve, aceita, recebe sua origem?* Tratando de analisar a partir das falas, e dos relatos das experiências individuais e coletivas, os reflexos da postura institucional, adotada pela academia, na vida do público ouvinte e participante. Obtendo assim respostas variadas, abaixo, pode-se observar, respostas selecionadas para compor a discussão da pesquisa.

PARTICIPANTE H - Minha palavra é NUNCA. Por que nunca? Porque nunca o professor pergunta das suas origens. Eles chegam aqui e se acham, porque eles estudou... na sala são doutores, são mestrados e o seu conhecimento não é nada para eles. Eles não perguntam se você sabe fazer isso, como que era feito, como que é, então esse conhecimento que a gente traz pra dentro de sala, que a gente tem... todos aqui, tem pessoas aqui com 19 anos mas eles sabem coisas que tem professor que não sabe. Eles não agrega esse valor juntos. Eles não juntam as experiências. O que eu sei com o que eles sabem. Geralmente pro professor você tem que provar que aquilo dá certo. E às vezes o professor ensina coisas pra gente que não dá certo, não tá dando certo. Aí você vem tipo assim... o seu PARTICIPANTE C, vem lá do seringal, ele não pergunta assim "O seu PARTICIPANTE C, como que era feita a adubação lá?" Por exemplo, eu vim do sul, podia perguntar como que era feita a adubação lá. "Será dona PARTICIPANTE H, que aqui dá certo?" Eles não perguntam isso, eles acham que os dele que é o certo. Mais qual que é o certo? Entendeu? Aí o professor nunca quer saber do conhecimento do aluno, entendeu? Esse nunca que eu falo aqui é grande porque é uma maioria de 90% dos professores. Não vou dizer que é 100% mas é 90% dos professores. Não agrega o conhecimento que o aluno traz pra dentro de sala, é só o conhecimento deles, e é só.

PARTICIPANTE N - Eu escolhi a palavra COMUM. Por que eu escolhi essa palavra? Porque tipo... quando a gente chega eles não retratam isso, eles não perguntam de onde você veio, o que você fez, qual a sua origem... igual como tu veio perguntar agora. Isso está sendo retratado agora. Agora... da forma como a gente é tratado nas outras matérias... é comum. Ninguém quer saber se estudou ou não, até porque já pede o ensino médio. Se a pessoa... caso, eu não tivesse isso, eu não iria fazer o curso. Que eu não iria ter o conhecimento para fazer o curso. Não iria ter os requisitos certos do IFAC. E é isso.

É possível observar, a partir dos relatos destacados acima, o grande impacto, que causa nas vidas das e dos estudantes do curso, a forma que são recebidos no

contexto da academia, destacando a origem de cada um, que se produziu enquanto sujeito cultural, dentro de um determinado território, incorporando elementos a sua identidade e a seu comportamento, construindo narrativas a partir de vivências proporcionadas por relações dentro de uma comunidade.

A abordagem sobre o conceito de território tratada aqui é não se restringe a uma unidade espacial, mas também compreende o desdobramento dessa unidade, caracterizada pelo modo de uso desse espaço. A relação social que constrói esse espaço é o trabalho (FERNANDES, B. M. Território Camponês. Em: CALDART (org) Dicionário da educação do campo 2012, p. 744). “Processos de territorialidade-desterritorialidade-reterritorialidade, representam a essência da resistência das pessoas no enfrentamento contra o capital” (FERNANDES, B. M. Território Camponês. Em: CALDART (org) Dicionário da educação do campo 2012, p. 744).

Ao abordar a concepção sobre território, como conteúdo para compreensão do tópico destacado, faz-se necessário problematizar historicamente, as transformações que o conceito de território sofreu, no decorrer do desenvolvimento das sociedades, o uso e ocupação da terra, e, por conseguinte, a exploração da terra. “Desde os tempos da colonização portuguesa, terra é sinônimo de poder e riqueza e de disputas acirradas pelo seu controle” (ALENTEJANO, P. Terra. Em: CALDART (org) Dicionário da educação do campo. 2012, p. 740). Foi construída uma estrutura de aproveitamento/exploração da terra, onde um esquema econômico específico dita as regras e utiliza os territórios, já que a terra sempre foi vista como sinônimo de riqueza, uma visão vinda de fora. Quem produz essa riqueza, não permanecem com essa riqueza, esta existe para benefício de intervenções de corporações, multinacionais, a terra está sujeita, a acordo econômico políticos, com outros países, sem interessar as camadas sociais que compõem o território, tudo em prol de interesses privados. Uma estrutura de controle, da política através da economia.

Dentro desse esquema de poder e exploração, acontecem as travessias, o ser humano não tem controle sobre seu próprio caminho, já que o mesmo é forjado a partir de acordos externos, as travessias do povo, a travessia do homem, da mulher do campo, para a cidade, representam os impactos dos interesses econômicos sobre as sub-humanidades.

Entretanto, a relação campo-cidade estabelece uma via de mão-dupla, onde os estereótipos de invasão e extinção são superados em face à interculturalidade. Portanto, é extremamente necessário compreender e analisar, as

experiências nos territórios, e pensar que metodologias educativas existem, para incluir a diversidade de histórias existentes, os diversos caminhos, do campo para a cidade.

Então, essas pessoas, delimitadas por todos esses significativos trajetos e ideologias, têm como base motivacional. Ao chegar na cidade, vinda dos municípios do interior do Estado se depara com uma nova realidade, uma nova estrutura de conceitos, que vão ditando a direção de cada passo, e até mesmo dos pensamentos.

Percebem que não aceitam o saber popular, o conhecimento tradicional não é válido, e se tratando do foco da pesquisa em questão, o curso técnico subsequente em Agroecologia, de acordo com os relatos analisados, dos participantes, a maioria, pessoas negras ou traços indígenas muito fortes, sentem os impactos dos enfrentamentos, com um sistema educacional que, oprime, que veta, discrimina, que inviabiliza seu acesso, e aqui se pode verificar a existência de racismo institucional, que citamos aqui, como um dos exemplo de uma base curricular engessada.

Existe um debate a ser feito no campo da educação em agroecologia no que se refere ao acesso à educação intercultural e à desconstrução da visão de que existe uma oposição entre educação e trabalho, à luz dos princípios da educação do campo.

PARTICIPANTE D – A palavra que eu escolhi foi SUPERAÇÃO, pelo fato de minha família ser de origem... tanto pelo meu pai, quanto pela minha mãe, a nossa origem é de seringueiros, né? Todos eram do seringal. Então, as primeiras gerações nenhuma teve educação básica e nem formal, assim... Então escolhi a palavra superação porque, assim... dos meus pais, pra mim, pra minha geração, já tiveram acesso né? A educação, a cultura. Meu avós todos se preocuparam em que, em tentar estudar e fazer com que os filhos estudassem e hoje eu tô aqui, tendo essa oportunidade de estudar também. E, enfim, é a palavra que eu acho mais.... Não que eu tenha vergonha da minha origem, eu acho que eu preciso superar ela, é uma questão de a gente se introduzir na sociedade mais ou menos. E eu acho que a educação é esse nicho e a educação trouxe a superação, pra minhas duas famílias assim, nesse sentido, então, pra mim foi essa palavra que eu escolhi. Então... os meus pais já são da cidade, né? Mas os meus avós tem história de seringal mesmo. De ser criado no campo e... muita lida, muita luta, assim, muito sofrimento. Porque não tinha acesso a nada né? Aqui não tinha... não existia estrada, não existia rua, não existia nada. Então... todo tipo de história que a gente escuta, apesar de ter uma riqueza cultural, porque eles têm saberes que ninguém tem, né? Mas... aquela questão de muito sofrimento também. Difícil acesso à comida, difícil acesso à tudo... a escola não existia, esse tipo de coisa. Então é isso assim, que me remete, quando eu falo da trajetória deles assim... desse, nesse aspecto é de sofrimento mesmo, assim... o relato. Por exemplo o meu avô, pai do meu pai, ele chegou aqui em Rio Branco A pé, ele veio de Brasília, com a família dele todinha, à pé, mais ou menos

uma semana viajando andando, com um monte de filho pequeno, só com uma bicicleta, então... bem difícil mesmo. Assim... é isso.

Que diálogo existe entre um financiador/explorador/Estado, com a identidade espacial, com as simbologias e estruturas, pensadas pelo povo, para o povo, que são conhecedores permeados pelo vivido. Assim seguimos, analisando os problemas decorrentes, da falta de humanização, personificação e sensibilidade, para com o tratamento e construção de técnicas que pensem a discussão da educação do campo. As respostas, os depoimentos, dos e das participantes da pesquisa, ressaltam inúmeros problemas e desafios, enfrentados diariamente por estudantes do curso técnico em Agroecologia. É importante salientar sobre o preconceito linguístico denunciado nesse relato.

PARTICIPANTE H - Eu escolhi a palavra FALTANDO. Por que faltando? Os profissionais aqui do IFAC... eu acho que tá faltando muito, principalmente aqui no curso de agroecologia. Por que que eu acho que tá faltando? Porque eu acho que nós estamos aqui no estado do Acre muito dos nossos orientadores aqui eles são de fora, eles vem com a bagagem do Sul, eles não vem com a bagagem aqui do Acre. Entendeu? Com pessoas ribeirinhos, com pessoas filhos de soldados da borracha, com indígenas aqui no Acre, a épocas de chuva, épocas de seca... Então, é faltando, nesse curso tá faltando o profissional qualificar para dentro do Estado, por isso eu acho que tá faltando. Quando a gente chega aqui, por exemplo, que a gente é de outro Estado, eles perguntam alguma coisa... acham que a gente sabe mais do que o outro que nasceu aqui. A gente não sabe mais ou menos. Então eu acho que o curso, os acadêmicos eles faltam com o curso de agroecologia, principalmente nisso. Como que uma pessoa que vem lá do sul, quer plantar uma plantação aqui... que não tem nada a ver. A maneira de criar boi lá no Sul é igual a daqui? O curso de agroecologia quer uma criação de boi que cria lá no sul? Uma criação de avicultura? Então os profissionais daqui do curso de agroecologia está faltando nesse sentido. Não sei se os caros colegas aqui do curso concordam comigo mas eu acho que está faltando, viu? E na maneira de falar, de línguas? Lembra que a professora REFERÊNCIA 1 disse que uns... quando a gente foi apresentar aquele trabalho sobre línguas que tem lugares que fala "cumadi" ou "cumpadi" "porta", será que tá certo ou tá errado a maneira dele falar? Quem foi que disse que tá certo de um jeito? Quem foi que ditou essa regra, que tá certo ou está errado? Uma forma de uma pessoa comunicar, através de figuras, tá certo? Tá errado? Lembra que ela disse pra gente? Quem que disse que está certo? Quem é que prova quem é que tá certo ou errado? Então acho que no curso de agroecologia os profissionais precisam qualificar, para cada um dentro do seu Estado, entendeu? Principalmente na região onde ela está dando o curso. Profissional do curso. Por exemplo o IFAC daqui do Estado do Acre precisa qualificar com a agroecologia do Estado do Acre.

Há 500 anos a população brasileira tem seu próprio modo de falar a língua do invasor (os portugueses) e na hora de escrever são obrigados/as a usar a base gramatical na forma base do português de Portugal, ressaltando e praticando um preconceito linguístico caracterizado por um juízo de valor negativo, com a maneira de falar de pessoas que dominam o mesmo idioma. O Brasil é um país composto por uma diversidade, que está presente em toda sua grande extensão territorial, favorecendo assim a existências de muitas variações linguística, e junto com essas variações, formas de vida, formas de cultura. Como afirma Marcos Bagno.

O preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes nas sociedades, como preconceito socioeconômico, preconceito regional, preconceito cultural, racismo e homofobia. (Bagno, 2004).

Nesse contexto, se enfrenta a imposição de um único ideal linguístico, onde no Brasil, se sustenta pelo caráter regional e socioeconômico. No Brasil, sabe-se que existem áreas mais industrializadas, e outras áreas em retrocesso econômico, dentro claro, da perspectiva econômica de desenvolvimento e de progresso. Em razão disso, acontece a estigmatização das variantes faladas, nas regiões mais pobres do país, como a região Norte e Nordeste. Forjando assim um formato de educação, excludente e opressor.

Estudos pedagógicos apontam, que a profissão docente, exige o conhecimento por parte de professores, sobre a realidade do estudante, como problematiza Turra, em seu livro sobre planejamento de ensino e avaliação: “Para que o professor possa planejar adequadamente sua tarefa e atender às necessidades do aluno, deve levar em consideração o conhecimento da realidade. Este conhecimento constitui o pré-requisito para o planejamento de ensino” (TURRA et al. 1975, p. 28).

Aqui se apresenta uma contradição bem específica, e voltamos a relembrar a problematização suscitada na introdução, sobre a legitimação da agroecologia como campo pedagógico. O/A professor/a mediador/a do processo de ensino aprendizagem, deveria deixar de assumir uma posição onde denota ser o detentor do saber, e, por conseguinte, como critério para desenvolver seu trabalho docente, uma prévia investigação, dentro dos territórios, dentro das comunidades e suas formas de vida.



PARTICIPANTE D - A palavra que eu escolhi foi DESINTERESSE. Porque assim, no começo do curso todos os professores fazem uma dinâmica com a gente né? E eles perguntam, mais ou menos, assim as mesmas coisa. Ahh... "de onde você veio?" "Como é que é sua vida?" E tal e não sei o quê. Só que eu acho que... tipo assim, ao decorrer do curso a gente tem as nossas necessidades né? Cada um como indivíduo. Aí por exemplo, a instituição colocar uma aula pra gente de 15h até as 09 da noite. Sem se importar muito com o que, todo mundo às vezes mora num bairro periférico, as vezes não tem o dinheiro para comer. Então, eu acho que falta esse tipo de interesse, ter mais interesse nos alunos, como indivíduos assim... e não só "Ah! pega aqui uma prova, vamos passar uma nota pra você e tal, e é isso", Entendeu? Acho que poderia ser bem mais agregador. Eu acho que o ambiente poderia ser diferente, ser mais colorido, que podia ser mais... a gente poderia ter mais participativo em tudo. E... acho que isso até despertaria mais interesse das próprias, dos próprios alunos, em estar aqui dentro e contribuir pra comunidade, contribuir pra instituição e melhorar pra todo mundo.

PARTICIPANTE B - A minha palavra é IDEIAS, porque tem esse lado de dificuldade dos professores de aceitar novas ideias, novas opiniões. Porque já são formados, tipo, eu posso ter a minha ideia formada, a minha opinião formada de tipo ajudar o curso, incrementar alguma coisa no curso, entendeu? E as vezes falta esse lado de aceitar o que os alunos estão querendo colocar, entendeu? Novas ideias, tipo... novas ajudas para ajudar a melhorar o curso. É tipo da minha origem, no caso, eu posso ter da minha origem, boas ideias, né? pra poder ajudar a incrementar no curso. Só que falta... tem muito desinteresse. Vou dar um exemplo, como se essa janela não tivesse aberta pra entrar novas ideias, entendeu? Só... isso.

Buscou-se também, com este eixo temático, apresentar percepções sobre as perspectivas profissionais dos/das estudantes/participantes da pesquisa, na tentativa de identificar os impactos causados pelas influências das técnicas apresentadas pelo movimento agroecológico, dentro do contexto da educação ambiental e das relações de trabalho. Trazendo o debate sobre a educação transformadora e a educação não transformadora, dimensionando as possibilidades que cada um tem, para sair de um curso técnico, e buscar opções de trabalho que podem ser desenvolvidos, ou seguir se profissionalizando no tema. De que maneira então, essas pessoas, sentem unificadas, suas metas, com a pedagogia adotada pelo curso técnico, com a estrutura elaborada para receber, para transferir. Ressaltando a reflexão sobre o projeto de vida e os sonhos que cada um e uma tem.

Pensando essa discussão acerca das perspectivas profissionais, a seguir, depoimentos que apresentam a dimensão discente, dos sonhos de vida, os planos para um desenvolvimento profissional, destacando os caminhos alcançados dentro do curso técnico em Agroecologia, com todos os enfrentamentos, já citados aqui, partindo do pressuposto da realidade do público que assiste ao curso técnico, KAUFFMANN (2019) aborda/traz/relata no seu trabalho de pesquisa que:

Alguns autores trazem uma reflexão sobre uma educação para o mercado de trabalho ou para a vida, destacando como característica dessa educação o desenvolvimento que potencializa o ser humano para uma prática integradora, capaz de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade, na perspectiva de uma emancipação (KAUFFMANN, 2019, p. 23).

O sistema, e suas organizações, produzem as sociedades e seus conceitos, tendo como base e objetivo, manter bem delimitada a função social de cada um, ressaltando a linha que cruza a existência das classes. Na produção do conhecimento, em seus distintos espaços e níveis, as relações de poder, interferem, impondo as divisões, demarcando as fronteiras políticas e econômicas, apresentando o trabalho como ferramenta de transformação social, e ao mesmo tempo, especificando que há uma estrutura, pensada para justificar e atender a interesses externos e distantes. Trabalho manual, trabalho intelectual, apresentados com suas fronteiras e objetivos. Há profissões, mas para obter determinada profissão, é necessário pertencer a um determinado nível econômico. Segue os depoimentos:

PARTICIPANTE A - Eu escolhi CAMPO porque na verdade, eu sou do campo, minha origem é do mato mesmo. Eu só tô em Rio Branco pra fazer esse curso né? porque a gente tem que estudar, porque lá no ramal não tem estudo, tem um horror de irmão lá no ramal também que tão sem condição de estudar, porque lá não tem aula para eles. E eu vim para Rio Branco, to morando com a minha prima, quero fazer esse curso pra daqui uns tempos né? Ter conhecimento e ajudar os meus pais que tão lá no mato, ajudar eles, passar conhecimento pra eles, e é isso moça.

PARTICIPANTE V - Eu escolhi a palavra CONSEGUIR. É... conseguir terminar. E não só conseguir terminar esse curso, conseguir outro, no caso, um superior, né? Porque eu ainda não tenho um superior. Eu tenho 19 anos mas eu ainda sonho porque a vida passa rápido. Eu me lembro que eu tinha quinze anos e já tô com 19, vou fazer 20... Aí... só que quanto mais vai passando mas a gente vai perdendo tempo, né? Então eu espero conseguir conquistar e dar um orgulho para a minha mãe e para o meu pai. É isso.

PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra CONCLUIR O CURSO. Porque o seguinte... eu concluindo o curso... eu antes quando entrei eu não entendi nada sobre agroecologia e sobre os produtos orgânicos, como plantar. Então eu concluindo o curso além de eu ter aprendido eu vou poder passar para os outros, ensinar a comunidade, as pessoas que trabalham na agricultura, né? Então vou ensinar pra eles como manter o controle tanto das pragas como das doenças, né? E também saber como plantar orgânico, né? E cuidar melhor da floresta, que nós podemos sim cuidar da floresta, porque nós não podemos destruir nossa floresta, né? E também diminuir o agrotóxico. Porque o agrotóxico nos traz muitas complicações, doenças, né? Tanto para nós como para os animais, as águas e o solo também. É isso.

O terceiro tema proposto e trabalhado com os grupos focais, buscou um elo de ligação mais profunda entre o conhecimento acadêmico como política pública ofertada e as agroecologias na sua aplicabilidade, tanto pessoal quanto de forma profissional. Procurando caminhos para cruzar o saber popular e a construção acadêmica. Pensando nessa ligação, foi elaborada a seguinte pergunta: Conhecimento acadêmico e agroecologia devem andar juntos e como isso interfere no planeta? A primeira parte da pergunta era mais no sentido de trazer uma reflexão para a segunda parte (como isso interfere no planeta?), e foi observado que as respostas caíram na amplitude da natureza, repetindo discursos, não valorizando o saber acumulado como conhecimento válido. Na verdade, a maioria das/dos participantes não relacionam a melhoria do planeta com a educação, com a sua formação, e com a atuação profissional que irão exercer.

Se analisarmos por exemplo, o PPC do curso, e relacionar com os depoimentos, as falas dos estudantes participantes, chega-se a uma reflexão, sobre como é, sentir que uma instituição educacional, vê sua origem de forma negativa, descobre que é uma identidade estereotipada, quando o objetivo do curso, deveria ser, como nos aponta o documento analisado.

O Técnico em Agroecologia, a ser formado pelo IFAC, deverá apresentar um perfil que o habilite a desempenhar atividades voltadas para estabelecer formas agroecológicas de produção e consumo para a superação da crise ecológica e social, que sejam adequadas à realidade regional, por meio de uma relação horizontal e humana com as famílias camponesas e com o mundo do trabalho (IFAC, 2018, p. 9).

É necessário pensar, até que ponto, o/a profissional, técnico/a em Agroecologia, reflete em suas decisões, o perfil que estabelece essas formas agroecológicas, o perfil que promove a superação da crise ecológica. São apontamentos, que surgiram a partir dos resultados da pesquisa, repensar, ressignificar, recontextualizar o PCC do curso, seria uma alternativa, para alcançar o desenvolvimento profissional almejado pelos estudantes, trabalhando com a agroecologia, enquanto ciência, que dispõe de seus princípios e metodologias para “(...) estudar, analisar, desenhar e avaliar agroecossistemas.” (IFAC, 2018, p. 6). Destaca-se, que na prática, são inúmeros os enfrentamentos, produzindo fatores que limitam a expansão da agroecologia.

(...), uma vez que um dos fatores que limitam a expansão da agroecologia e da produção orgânica no Acre é a grande carência de mão de obra especializada no campo, incluindo agricultores, técnicos e também consumidores. Observa-se ainda uma falta grave de conhecimento específico no setor e poucas oportunidades de capacitação nas áreas de agroecologia e da produção orgânica. (IFAC,2018, p. 6)

A partir das falas, depoimentos, que trazem uma separação entre quem “faz” através do conhecimento tradicional, e considerar na prática que quem “sabe” é somente quem possui o conhecimento acadêmico, que na realidade, não sabem como se desenvolve o conhecimento na prática. Falar que existem dois conhecimentos, quem faz e quem estuda, reforça a separação entre conhecimento prático e teórico. Como podemos aceitar que a teoria vale mais que a prática, e para que essa disputa da academia, sobre o saber popular e acessível, quando existe uma falta grave de conhecimento específico, e poucas oportunidades.

O objetivo da agroecologia segundo o PPC é o de “promover o desenvolvimento de uma agricultura que seja, ao mesmo tempo, ambientalmente sustentável, produtiva e rentável” (IFAC, 2018, p. 6). Mudança no enfoque do termo agroecologia, aprendendo sua evolução.

Promovendo assim, o desenvolvimento conjunto nos territórios, técnicas acessíveis, e colocando as produções orgânicas, agrícolas, como resultado coletivo dos trabalhos, em diálogo com as academias, em diálogo com as instituições de ensino, em diálogo com os técnicos em agroecologia, e com seus respectivos profissionais. Onde todo saber é válido, e todas as histórias são consideradas e respeitadas.

A presente discussão procurou trazer reflexões acerca das políticas públicas ofertadas nas redes educacionais convencionais, que dialogam com outros modelos de educação, como a da vertente da educação em agroecologia, que tem como base a pedagogia da alternância, a educação transformadora, a educação popular e acessível. Promovendo assim outras relações de ensino com outro olhar, ressignificando, transformando e transmitindo outras formas de aprender, de ensinar e de valorizar o saber. Considerando e trazendo para narrativa cada sentimento, vivência e saber adquirido ao longo da vida e em seus processos particulares e únicos.

Entender que o saber “supremo” acadêmico está longe de ser o saber real e total, é um avanço para o desenvolvimento pessoal de cada uma e um. Já existem modelos de sociedades que tratam o conhecimento como um aprendizado mais amplo

e profundo, exemplos as comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, assentamentos do movimento de trabalhadores rurais. Onde os elementos naturais são estudados mais do que a questão da escrita ou da fala. São fatores que acabam podando os modos de vidas originários.

A partir dessa pesquisa, se pode compreender e idealizar, que o caminho a ser seguido e discutido, é o da educação. A lógica do capital, impõe e reproduz uma sociedade competitiva, é construído um romantismo acerca da concepção de sacrifícios, assim como muitos outros aspectos do social, são romantizados, com o intuito de manter a ordem e a manipulação, para que o povo seja sempre uma marionete do sistema, para que o povo trabalhe para manter determinada lógica econômica, sem ser beneficiado diretamente por seu trabalho.

Essas são indagações e questionamentos, suscitados no decorrer da realização e organização da pesquisa. Onde podemos destacar e relatar, a ausência e permanência de aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Que moldam e interferem nos modos de vida, que cruzam a academia, que buscam melhores perspectivas profissionais, como no caso aqui estudado, estudantes do curso técnico em Agroecologia e suas interseccionalidade.

A pesquisa apresenta inúmeros depoimentos, que respondem acerca de determinados temas, discutidos aqui na estrutura do projeto. Nos fazendo pensar, sobre a necessidade de reestruturar o PPC, sobre os formatos dos processos seletivos para ingressar no curso, sobre a disponibilidade e acesso aos auxílios, às contratações de funcionários para a instituição, a vinculação de docentes, que façam os recortes necessários, no sentido de reconhecer e dialogar com as distintas origens, presentes em uma sala de aula, buscando compreender as reais necessidades dos e das estudantes que assistem, que fazem parte das turmas existentes. Para além disso, os depoimentos, se apresentam como conteúdo, para diversas discussões que pautam temáticas educativas, voltadas para a questão ambiental, social e cultural, no sentido de dispor de técnicas e métodos, para novas formas de vida. Uma, academia, um curso, um PCC que sejam efetivos, que dialoguem com as histórias vividas, que aceitem e somem os saberes tradicionais, ao teor teórico dos currículos, das disciplinas, e com isso, promova inovações, e alcance resultados pontuais, superando ecologicamente e coletivamente, os modelos de produção, que delimitam os ofícios, delimitam e limitam o desenvolvimento sustentável, e a preservação da vida no planeta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, nos permitiu identificar e apontar, questões sociais que cruzam a vida das e dos brasileiras/os, no contexto do território acreano. Como por exemplo, a existência de instituições que pensem na diversidade enquanto lógica do social, destacando o entrelace sociocultural, dos e das estudantes do curso, com o território onde encontra-se sua comunidade. Retratando a linguagem produzida coletivamente, com membros dessas comunidades e familiares, acerca da construção de histórias e culturas. Experimentando perspectivas educacionais com o objetivo de incentivar o protagonismo na construção de sonhos de vida, metas, projetos, para dentro e fora do território. Bem como pensar a agroecologia no âmbito da educação, enquanto técnicas ou métodos de resistência, um leque de possibilidades, desenvolvendo assim, formas sustentáveis para o desenvolvimento das sociedades, e o trabalho com e na terra. A prática e elaboração de políticas públicas, que visem o encaixe de distintas identidades e histórias, ao processo de ensino aprendizagem, que apresente perspectivas de uma real transformação social e relações de trabalhos, que sejam justas, sensíveis e alcançáveis, e que de fato, a demanda de especializações em distintas áreas profissionais no âmbito da vida na floresta, sejam atendidas.

Entendendo que existe um debate necessário a ser feito no campo da educação em agroecologia no que se refere ao acesso à educação intercultural e à desconstrução da visão de que existe uma oposição entre educação e trabalho. Observando que a educação deve ser constantemente construída através de diálogos, considerando todas as realidades. A pesquisa continua em andamento, tratando de estruturar os depoimentos, enquanto conteúdos, para que possam ser utilizados em uma nova proposta de consulta, não só para o PPC, mas para tudo que visa discutir o formato/modelo e manutenção do curso técnico subsequente em Agroecologia.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. R. Escutar interpretações e interpretar: Memórias do “povo da Ayahuasca”. Rio Branco, 2016.
- AGUIAR, M, V, A, et al. Princípios e diretrizes da educação em agroecologia. Caderno de agroecologia. p. 7,8,9,10,12. 2013.
- ALTIERI, M, Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA/Fase, 1989.
- ALTIERI, M. A.; A. YURJEVIC. La agroecología y el desarrollo rural sostenible en América Latina. 1991.
- ARROYO, M. G. Currículo, território em disputa. 2ª ed. Petrópolis: p. 33 – 52 Vozes, 2011.
- ARROYO, M. G. e FERNANDES, B. M. - A Educação Básica e o movimento social do campo/ - Brasília - DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, Nº 2, 1999.
- ASSIS, R. L., e E. L. JESUS. 2005. Histórico, conceitos e princípios da agroecologia., 2005.
- Associação Brasileira de Agroecologia – ABA. Disponível em:<https://aba-agroecologia.org.br/sobre-a-aba-agroecologia/sobre-a-aba/> Acessado em 03 de maio de 2020.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 35ª. ed., 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, p. 24-109. 1988.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9394/1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 02 de maio de 2020
- Brasil. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012.
- CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, 2009.

CALDART, R. S., PEREIRA I. B., ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. Dicionário da educação do campo. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio Expressão Popular. Rio de Janeiro • São Paulo. 2012.

Conferência Nacional - Por Uma Educação Básica do Campo - CNBB - MST - UNICEF - UNESCO - UnB Luziânia/GO, 27 a 31 de julho de 1998.

II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo - DECLARAÇÃO FINAL (VERSÃO PLENÁRIA), Por Uma Política Pública de Educação do Campo. - Luziânia, GO, 2 a 6 de agosto de 2004.

GUIDO, L. F. E. e COSTA, E. A. A utilização do grupo focal em pesquisa de educação ambiental como estratégia metodológica quantitativa: uma análise do projeto Escola Ecológica em rede. Uberaba – MG. Vol. 23 n. 2 p. 460 – 477. 2016.

Instituto Federal do Acre - IFAC. Informações Locais - Campus Avançado Baixada do Sol. 2013 Disponível em: [http://www.ifac.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1582&Itemid=309](http://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1582&Itemid=309). Acesso em: 02 de junho de 2020.

Instituto Federal do Acre –IFAC. Plano Pedagógico do Curso: Técnico em Agroecologia, Rio Branco, p. 1-38, 2018.

KAUFAMMN, Adriana. K. C. A, Histórias de Vida e Perspectivas profissionais dos formandos do curso técnico em florestas do Centro de Educação Profissional e Tecnológicas Roberval Cardoso. 2019. 37p. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Agricultura Familiar. Instituto Federal do Acre – IFAC. Rio Branco, 2019.

LERVOLINO, Solange; PELICIONI, Maria Cecília. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Revista da Escola de Enfermagem, São Paulo, v.35, n.2, p. 115-121, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

LOPES, Eliete, B. Educação do Campo e resistência: o projeto decolonial e sua contribuição aos movimentos sociais. Seminário humanidades em contexto, saberes e interpretações. Mato Grosso, 2014. Disponível em: <<http://www2.seduc.mt.gov.br/-/educacao-do-campo-e-resistencia-o-projeto-decolonial-e-sua-contribuicao-aos-movimentos-socia-1?inheritRedirect=true>> Acesso em 25 de maio de 2020.

MOLINA, M. C. *et al.* (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: Questões para reflexão. I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p. 30, 2006.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral e depoimentos. Revista Projeto História nº15 - Ética e História Oral 15 abril 1997.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais Tempo: vol. 1, nº. 2. Rio de Janeiro, 1996.



SOUSA, R. P. Agroecologia e Educação do Campo: Desafios da institucionalização no Brasil. Sistema de Informação Científica Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Educ. Soc., Campinas - SP, v. 38, n. 140, p.631-648, jul.-set., 2017.

SOUSA, R. P. e CRUZ, Renilton Educação do campo, formação profissional e agroecológica na Amazônia: saberes e práticas pedagógicas. 2015.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa Ação. p. 15 – 16. São Paulo, 1986.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TURRA, C. M. G.; ENCONTE, D.; SATÁNNIA, F. M. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre: PUC – EMMA, 1975.

## APÊNDICES

**Apêndice A** – Transcrição na íntegra dos relatos orais coletados através de gravações nos grupos focais. Destacada em itálico as falas transcritas citadas nos resultados e discussão desse trabalho de conclusão de curso.

### 1. ORIGEM/CULTURA/TERRITÓRIO/IDENTIDADE

#### 1.1. Qual a sua trajetória de vida? A relação com território onde viveu?

##### Origem da família/familiar?

*PARTICIPANTE H - Eu escolhi a palavra BRASILEIRA. Porquê Brasileira? Porque eu vim do Sul, né? do Paraná, passei pro estado de Rondônia e agora estou no Acre. É... eu me sinto acreana, muito acreana. Me sinto às vezes rondoniense, quando estou em Rondônia. Paranaense quando eu estou no meu estado, ribeirinho quando estou na beira do rio, entendeu? Talvez quilombola por eu ter amigos quilombolas, mineiros devido meus pais são mineiros, entendeu? tem uma origem ali também mineiro, entendeu? Baianos porque eu tenho amigos queridos baianos. Carioca também... entendeu? E também indígena, porque eu vim... porque minha mãe é filha de índio, entendeu? Africanos, descendentes africanos, quilombos, porque também tenho descendência de africano. Então, Brasileiro, é ser tudo isso. Então eu sou tudo isso pra mim ser brasileira. Dentro da agroecologia, o que eu quero é que todos esses brasileiros tenham uma vida melhor. Entendeu? na agroecologia nós temos que lutar pelo Brasil, se nós lutar, por exemplo assim, só pelo estado do Acre, só o indígena, só o quilombola, entendeu? nós não vamos ter um país reconhecido dentro da agroecologia, que está fazendo agroecologia. Então por isso que eu escolhi a palavra Brasileira, eu sou tudo isso dentro do Brasil.*

PARTICIPANTE T - INDÍGENA. A minha família é bem mística, Descendentes de cearenses, brancos, não sei ainda bem o local, é indígena. Mas o que predomina mesmo, mais, é o indígena, porque a mãe do meu avô era indígena Peruana, entendeu? aí por isso que eu escolhi essa palavra. E eu me considero cabocla.

PARTICIPANTE S - Eu escolhi a palavra HUMILDADE. É... na minha família também xtem indígena. O meu vô é indígena mas existe... Assim... ele sempre disse que era indígena mas a gente não sabe de certo de onde ele é, né? Aí eu escolhi a palavra humildade porque a nossa família é bem humilde. Eu sou neta de seringueiro, de

ambas as partes, creio eu, porque a família do meu pai eu não tenho muito contato, mas a da minha mãe é. Então eu escolhi a palavra humildade por isso. É... desde sempre a gente vem lutando, cada vez mais, pra conquistar alguma coisa na vida, né? Conquistar cada vez ser melhor, na minha família tem pouca gente que terminou o ensino médio. E a gente tenta fazer com que os que estão continuem estudando para ter um... uma qualificação melhor. E é isso.

*PARTICIPANTE N - Eu escolhi a palavra RIBEIRINHO. Eu escolhi essa palavra por conta de eu já ter vindo a minha infância toda convivendo com meus avós que trabalhavam com seringa e viviam sempre do extrativismo. Eles sempre ficavam nessa e eles também vendiam bastante coisas. Com isso, eu achei importante falar disso, eu lembrei da minha infância, da onde eu vim, e a cultura que eu achei bonita, no caso. E meu avô é cearense, minha avó é negra, africana, e pela parte do meu pai a maioria são indígenas. Aí eu achei bacana falar disso. É isso.*

PARTICIPANTE E - Eu escolhi a palavra MATA. Porque Mata? É porque, eu desde pequeno assim, eu cresci na colônia, até os 07 anos. E acho que tem tudo a ver, porque tem muitas árvores, muita mata. E... não só criança, mas hoje em dia mesmo, final de semana eu vou pra colônia, chácara, essas coisas. Então tem tudo a ver comigo, com a minha família. E é isso.

PARTICIPANTE B - Eu escolhi a palavra CEARENSE porque me identificava muito. Minha família é maioria vem de descendência cearense, que é o Estado... como se fosse o Estado gerador, né? Que a maioria da formação do Acre, praticamente veio de lá. Aí eu coloquei essa palavra porque é minha descendência. É o estado da minha família, por isso que eu escolhi essa palavra.

PARTICIPANTE V - Eu escolhi a palavra BATALHADOR. É, a minha família... a família da minha mãe é cearense, já a família do meu pai tem a parte indígena, também tenho origem indígena. Aí eu escolhi a palavra batalhador porque eu conheço a minha família com muito batalhador. Minha mãe, meu pai... Meu pai ele trabalha na colônia como agricultor e minha mãe também, a minha mãe ajuda ele às vezes mas meu pai tá todos os dias indo e voltando pra casa. Então, eu considero ele um batalhador. Todo dia ir e voltar.

PARTICIPANTE R - Eu escolhi a palavra LUTA. Porque luta, no caso a minha trajetória, a minha vida é uma luta, todos os dias, desde a infância até hoje. Em relação ao território onde eu vivo, também é uma luta. Porque foi difícil conquistar as metas que eu tenho hoje. Mas, graças a deus, é onde eu vivo hoje. E no caso, a minha família, é de origem Portugal. Então, descendente de portugueses. E também são uma família de ótima excelência e trabalhador, demais. Tem agricultores também, tem de tudo um pouco. É isso.

PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra ACRE porque meu pai e minha mãe são acreanos. E eu nasci aqui em Rio Branco só que eu me criei em Plácido de castro. Meu pai também foi seringueiro e eu também gosto das matas né? Até hoje eu gosto disso. De ir para as colônias, caçar, eu gosto de caçar também, comer carne de caça. Mas aí hoje eu escolhi o curso de agroecologia e tô achando muito legal e eu quero concluir esse curso. Tô achando muito maravilhoso.

PARTICIPANTE J – Eu escolhi a palavra NORDESTE porque representa muito de onde os meus pais vieram e boa parte da minha família é amazonense e boa parte é nordestina, então... representa muito a cultura da gente, todo mundo é meio... a fala tem muito sotaque e... acho que é isso.

*PARTICIPANTE D – A palavra que eu escolhi foi SUPERAÇÃO, pelo fato de minha família ser de origem... tanto pelo meu pai, quanto pela minha mãe, a nossa origem é de seringueiros, né? todos eram do seringal. Então, as primeiras gerações nenhuma teve educação básica e nem formal, assim... Então escolhi a palavra superação porque, assim... dos meus pais, pra mim, pra minha geração, já tiveram acesso né? a educação, a cultura. Meu avós todos se preocuparam em que, em tentar estudar e fazer com que os filhos estudassem e hoje eu tô aqui, tendo essa oportunidade de estudar também. E, enfim, é a palavra que eu acho mais.... Não que eu tenha vergonha da minha origem, eu acho que eu preciso superar ela, é uma questão de a gente se introduzir na sociedade mais ou menos. E eu acho que a educação é esse nicho e a educação trouxe a superação, pra minhas duas famílias assim, nesse sentido, então, pra mim foi essa palavra que eu escolhi. Então... os meus pais já são da cidade, né? Mas os meus avós tem história de seringal mesmo. De ser criado no*

*campo e... muita lida, muita luta, assim, muito sofrimento. Porque não tinha acesso a nada né? Aqui não tinha... não existia estrada, não existia rua, não existia nada. Então... todo tipo de história que a gente escuta, apesar de ter uma riqueza cultural, porque eles têm saberes que ninguém tem, né? Mas... aquela questão de muito sofrimento também. Difícil acesso à comida, difícil acesso à tudo... a escola não existia, esse tipo de coisa. Então é isso assim, que me remete, quando eu falo da trajetória deles assim... desse, nesse aspecto é de sofrimento mesmo, assim... o relato. Por exemplo o meu avô, pai do meu pai, ele chegou aqui em Rio Branco A pé, ele veio de Brasília, com a família dele todinha, à pé, mais ou menos uma semana viajando andando, com um monte de filho pequeno, só com uma bicicleta, então... bem difícil mesmo. Assim... é isso.*

PARTICIPANTE M - A palavra que eu escolhi foi UNIÃO. Uma coisa que eu gosto muito, desde pequena que eu venho aprendendo é a união entra a minha família, entre os dois lados, eles são muito unidos, pra tudo eles estão sempre juntos, em qualquer situações, e... eu acho que é isso. Ai, eu não sei muito o que falar não. A minha família mesmo ela veio do seringal né? Eu me lembro que... ai eu não sei muito...

PARTICIPANTE X - A palavra que eu escolhi foi CONQUISTA, porque... assim, na geração dos meus avós até a minha geração, muita coisa mudou, Sabe? É... por exemplo, os meus avós, eles tiveram os meus tios, minha mãe, é... nas propriedades de outras pessoas, tipo fazendeiros, que eles trabalhavam para fazendeiros, em Feijó e Tarauacá, e eles... a minha vó sempre conta que para ter um dos meus tios ele teve que pagar, para a dona da casa, dona da propriedade pra poder ir pra cidade, para poder ter o filho com a parteira, alguma coisa assim. E... eu vejo muita conquista de lá para cá, desde então. Meu avô tem a propriedade dele, tem a colônia dele, e... tem a casa dele na cidade que alguns dos filhos dele mora. Então...É... os netos deles né? Só um tio meu que tem ensino superior, né? Que ele foi embora, se tornou padre, então ele teve um nível superior. Depois dele, só eu, que tava na faculdade e agora não tô mais. E os meus primos e minhas irmãs que estão seguindo estudando. Meus avós não tiveram a mesma oportunidade que eu tenho, que meus irmão tem, que meus primos tem, e até mesmo minha mãe né? Acho que é isso.

PARTICIPANTE W - Escolhi a palavra DIFÍCIL. Ah.. Minha vida é bem complicada desde o começo. Meus pais foram criados bem na brutalidade mesmo, meu avô ele saía de casa, voltava só depois de três dias. Meu pai ele não tinha condição de estudar, ele conseguiu estudar com 11 anos de idade, que ele fez um num sei o que lá, não lembro. E conseguiu concluir o ensino médio, mas até então ele parou de estudar para ajudar a família dele. Ele me conta que ele comia só farinha com água, então ele mostra o valor que a gente tem hoje, o que ele não tinha, a gente tem hoje dobro, então... É... foi bem complicado até aqui o que eu tenho, agradeço a ele, porque em tudo que eu tive, que consegui foi através dele, ele me incentivando a estudar. É, teve aulas que eu acho que chegava até três horas da manhã estudando, E... se eu passar na faculdade que eu quero. A origem da minha família, minha família veio do Ceará, meus avós vieram de lá casados, vieram de lá casados e chegando aqui eles começaram a trabalhar na seringa. São soldados da borracha, os dois, É... eles começam a contar as coisas lá e eu fico "meu Deus, que vida difícil". E hoje, a minha vó faleceu, tem ele. Ele tem uma fazenda enorme, então acho que toda a minha família tem uma e... meu vó soube ajudar eles a organizar, então acho que tipo a única coisa que antes da minha avó falecesse, ele deixasse eles bem, nunca faltava então... é isso.

PARTICIPANTE P - Boa tarde, Eu escolhi INFÂNCIA. É porque acho que a geração antes da minha família eles eram do seringal, né? com bastante luta para poder ter algo aqui na cidade né? O meu vô conta que... O meu vô uma cultura que até hoje mesmo ele com os bens que ele tem hoje, mas ele procura estar no seringal, fazer sapato que ele mesmo faz, ele não vende mas faz para o seu próprio uso e dá para a família, né? Eu vejo que, mesmo que eu não tenha muito conhecimento com... com seringa, mas eu vejo que nele, ah... me dá bastante força, que eu acho que por ele voltasse no tempo e estaria trabalhando tranquilo com a seringa. Mas eu escolhi, porque na minha geração é... minha mãe se formou, ela no ensino superior, já com bastante idade. Hoje normal se forma com 20, 25 anos, né? E ela não né, com 25 anos estava se formando, com 26 ano né. Bastante luta para tá estudando, né? pra dá uma vida boa pra gente, pros filhos dela e eu vejo que a força da nossa família é bastante... é muito porque, tá passando de geração em geração e tá ficando cada vez mais forte. Eu vi que a força dela, transmitiu um pouco pra mim, em questão de querer estudar e não ficar parado. Porque eu vi que num tem outro lado pra gente seguir que

não for o estudo né? E a força de vontade também, que tem bastante a ver. A nossa família veio do seringal e... o aprendizado que eles tiveram lá, que era bastante bruto porque eles estavam no seringal, né? Passaram para seus filhos e netos, né? Que hoje a gente tem esse aprendizado hoje.

PARTICIPANTE U - Eu escolhi, o que mesmo? MUDANÇAS. Foi, a palavra, mudanças, porque desde o início até aqui, do meu nascimento até aqui, tipo teve... muito assim... foi uma doidera. Porque até os meus 17, a minha meta de vida era me formar em enfermagem. Depois que eu concluí meu ensino médio com 17, com 18 anos eu entrei na Uninorte e então fiz um semestre de enfermagem. Beleza... aí a mãe comprou uma colônia e tal, aí ela resolveu se mudar e aí a gente ficou aqui na cidade, eu e meu irmão. Aí até então a gente da cidade, menino da cidade, fazendo faculdade, eu enfermagem, meu irmão querendo ir pra área do direito e... tudo certo até então. Aí com dois anos e meio que a mãe tava na colônia ela falou assim: "você vão vir morar aqui". Aí tipo, foi uma mudança assim totalmente radical, você acostumar na cidade, com tudo assim, praticamente perto e do nada você largar e ir pra Colônia? Tipo... é uma coisa assim que ninguém iria aguentar principalmente com a possibilidade que eu já tava com 19 e ir morar na colônia... num era muito bom. Então a gente foi pra lá, eu passei ainda dois anos e meio morando lá. Foi aí que eu vim parar aqui, no curso de agroecologia. Então foi uma mudança muito doida, de enfermagem, para agroecologia... É totalmente diferente né? o ramo. E aí, na origem da minha família, o meu avô veio do Ceará e minha avó já vivia aqui, no seringal lá de Feijó. Aí por parte de pai, minha família, eu sou meio caboca com índia, minha avó era de Tarauacá, aí se formou e foi isso, juntou e nasceu eu. É isso.

PARTICIPANTE Z - Eu escolhi a frase "CHEIRO" porque assim que eu cheguei em Rio Branco, eu sou de Xapuri, Quando eu cheguei em Rio Branco, a primeira coisa com o que eu me deparei foi com o Cheiro da flor do buriti, que até hoje eu sou apaixonada pelo cheiro da flor do buriti. E... ai não sei nem o que dizer... Sobre a minha família, eles são seringueiros de lá, de Xapuri, na verdade eles são meus avós, porque eu fui criado por eles por parte de pai e até hoje eu tenho a agradecer pelo os que os pais deles passaram pra eles, passaram pra mim, e eu só tenho a agradecer mesmo.

PARTICIPANTE Q - Então, o nome que eu escolhi foi INDÍGENA. Aí dentro da palavra indígena ela responde todas aquelas perguntas que tem ali, que é origem, cultura, território, identidade. Aí dentro de ser indígena, a gente tem que ser resistente, em todos os sentidos, porque? pela diversidade cultural, entendeu? muitas pessoas não nos entende... assim como a gente também não entende muito as pessoas. Aí dentro dessa diversidade, o que que acontece: É... (NOME INDÍGENA) diz o seguinte que para poder falar de mim, ou tem que conviver comigo ou... Pra poder saber, contar nossa história. E... a gente é muito julgado sem as pessoas nos conhecer, né? dentro desse julgamento, entendeu, e infelizmente, o lugar que a gente sofre mais preconceito é dentro da academia. Né? porque? É o lugar que a gente pensa que vai poder desmistificar isso, mas não é, é dentro da academia tu tem maiores retaliações em todos os sentidos. Exemplo, ontem eu estava assistindo uma reportagem de uma parente guarani kraioá que conseguiu se formar em medicina. E... ela disse que quando chegou na sala de aula a primeira coisa que o professor perguntou pra ela, era o que ela estava fazendo em um curso de elite. Entendeu? então a gente em pleno século XXI, a gente tem que se deparar com essas questões. E aí falar de identidade e não falar da minha identidade, eu tô me submetendo ao sistema e eu saí, entendeu, da Terra Indígena pra quê? pra desmistificar o sistema. Todos os dias, entendeu, quando eu levanto, é justamente pra poder tentar fazer com que o sistema modifica, eu não preciso me adequar ao sistema. Primeiro porque a gente já estava aqui quando o sistema chegou, entendeu? E... Cultura, É... tudo o que se fala de indígena tá na roupa, tá no modo de falar, no modo de se vestir, nas músicas, entendeu? e assim sucessivamente. e... a... E detalhe, a minha origem tem uma dupla origem, porque eu sou filha de um negro com uma mãe indígena. Então eu sou, como é que vou dizer? É... O reles do reles né? que a sociedade impõe. Mas... aí tá.. Sou mãe, já tenho um filho formado, tenho um filho cantor, tenho saúde e acho que é isso que importa. E meu nome indígena é TAKAPURU.

*PARTICIPANTE A - Eu escolhi CAMPO porque na verdade, eu sou do campo, minha origem é do mato mesmo. Eu só tô em Rio Branco pra fazer esse curso né? porque a gente tem que estudar, porque lá no ramal não tem estudo, tem um horror de irmão lá no ramal também que tão sem condição de estudar, porque lá não tem aula para eles. E eu vim para Rio Branco, tô morando com a minha prima, quero fazer esse curso pra*



*daqui uns tempo né? ter conhecimento e ajudar os meus pais que tão lá no mato, ajudar eles, passar conhecimento pra eles, e é isso moça.*

PARTICIPANTE L – MUDANÇA. Sou divorciada, tenho 45 anos e... a minha vida começou a ter mudança depois que eu me separei né? É... entrei numa depressão e... Fui muito incentivada pelo meu filho para... num ficar em casa né? aí eu fiz um curso no SENAC, né? Já tinha me escrito aqui no IFAC mas não tinha sido chamada né? E... com o incentivo dele eu comecei a vir mais vezes e no começo eu não gostava muito más... eu comecei a me identificar com as pessoas né? E para mim tá sendo bom, é uma mudança que... nesses cinco anos de divórcio, eu aprendi a viver de novo, renasci, na realidade. Hoje eu tenho a liberdade, tenho meu direito de ir e vir, que eu não tinha né? E gosto de vir, quando não tem o curso eu sinto falta. E é isso. Então, eu sou amazonense, né? a gente... Eu vim... eu tive uma infância muito difícil. A gente morava no lago, até hoje eu comento com as pessoas, quando a gente mora na... aqui fala colônia né? seringal... mas lá a gente morava num lago e a gente tinha as dificuldades mas não passávamos fome. Né? porque tinha o peixe, a mãe fazia farinha, né? Aí ela queria, queria que a gente tivesse estudo, como ela nunca teve aí nós fomos para a cidade. Aí vamos sofrer. Nós éramos sete, e se a gente almoçava, não jantava. Uma lata de sardinha tinha que dar para o almoço, janta e merenda. E foi até aí... até uns 13 anos aí eu vim para Porto Velho, em Porto Velho eu trabalhei durante três anos só pela comida né, na casa de uma patroa, aí eu trabalhei mais três anos na casa de uma outra pessoa, aí eu já recebia meio salário, depois eu casei aí... do meio pro fim a gente veio pra Rio Branco começar uma nova vida, e aqui tô até hoje. Tenho dois filhos, os dois são formados. Assim, pra mim são meus orgulhos. O que eu passei no casamento, valeu a pena, porque hoje ele me retribui, e é isso.

## **1.2. Quando a academia/curso absorve/aceita/recebe essa origem?**

*PARTICIPANTE N - Eu escolhi a palavra COMUM. Porque eu escolhi essa palavra? porque tipo... quando a gente chega eles não retratam isso, eles não perguntam de onde você veio, o que você fez, qual a sua origem... igual como tu veio perguntar agora. Isso está sendo retratado agora. Agora... da forma como a gente é tratado nas outras matérias... é comum. Ninguém quer saber se estudou ou não, até porque já pede o ensino médio. Se a pessoa... caso, eu não tivesse isso, eu não iria fazer o curso. Que*

*eu não iria ter o conhecimento para fazer o curso. Não iria ter os requisitos certos do IFAC. E é isso.*

*PARTICIPANTE H - Eu escolhi a palavra FALTANDO. Porque faltando? Os profissionais aqui do IFAC... eu acho que tá faltando muito, principalmente aqui no curso de agroecologia. Porque que eu acho que tá faltando? Porque eu acho que nós estamos aqui no estado do Acre muito dos nossos orientadores aqui eles são de fora, eles vem com a bagagem do Sul, eles não vem com a bagagem aqui do Acre. Entendeu? Com pessoas ribeirinhos, com pessoas filhos de soldados da borracha, com indígenas aqui no Acre, a épocas de chuva, épocas de seca... Então, é faltando, nesse curso tá faltando o profissional qualificar para dentro do estado, por isso eu acho que tá faltando. Quando a gente chega aqui, por exemplo, que a gente é de outro estado, eles perguntam alguma coisa... acham que a gente sabe mais do que o outro que nasceu aqui. A gente não sabe mais ou menos. Então eu acho que o curso, os acadêmicos eles faltam com o curso de agroecologia, principalmente nisso. Como que uma pessoa que vem lá do sul, quer plantar uma plantaçaõ aqui... que não tem nada a ver. A maneira de criar boi lá no Sul é igual a daqui? O curso de agroecologia quer uma criação de boi que cria lá no sul? uma criação de avicultura? Então os profissionais daqui do curso de agroecologia está faltando nesse sentido. Não sei se os caros colegas aqui do curso concordam comigo mas eu acho que está faltando, viu? E na maneira de falar, de línguas? lembra que a professora REFERÊNCIA 1 disse que uns... quando a gente foi apresentar aquele trabalho sobre línguas que tem lugares que fala "cumadi" ou "cumpadi" "porta", será que tá certo ou tá errado a maneira dele falar? Quem foi que disse que tá certo de um jeito? quem foi que ditou essa regra, que tá certo ou está errado? Uma forma de uma pessoa comunicar, através de figuras, tá certo? tá errado? Lembra que ela disse pra gente? quem que disse que está certo? quem é que prova quem é que tá certo ou errado? Então acho que no curso de agroecologia os profissionais precisam qualificar, para cada um dentro do seu estado, entendeu? principalmente na região onde ela está dando o curso. Profissional do curso. Por exemplo o IFAC daqui do estado do Acre precisa qualificar com a agroecologia do estado do Acre.*

*PARTICIPANTE F - Eu escolhi a palavra DIGNIDADE. Foi a que veio na cabeça. Mas... tipo, em relação ao curso, todo mundo deveria ser digno de uma faculdade*

pública, de uma educação melhor. Todo mundo é digno de ter uma educação melhor. Que tá faltando em alguns aspectos, mas deveria melhorar cada vez mais e mais. E é isso.

PARTICIPANTE J - Eu escolhi a palavra AGREGAÇÃO. Mas eu acho que deveria ser outra. Na verdade entraria outras palavras, mas... Eu achei que quando eu entrei na sala, aqui né? eu vi que a nossa sala tinha um pouco de união e muito respeito assim... *Porque a nossa sala foi a que mais agregou as pessoas de opções sexuais diferentes, de todos os jeitos e ninguém julgou ninguém, e eu achei isso muito importante.* Porque na maioria das vezes tem muito esse julgamento das pessoas né? Não só das salas mas de todo o ambiente. Eu achei bem interessante aqui, todo o IFAC, ninguém julga ninguém, ninguém solta piada, tem brincadeiras mas todo mundo é bem unido, né? nessa questão, achei isso muito interessante. Acho que é só isso, obrigada.

PARTICIPANTE B - Eu escolhi a palavra IGUALDADE, porque quando eu entrei no curso, como a PARTICIPANTE J falou, teve muito o lado de *união, de igualdade, sem discriminação das pessoas por gênero*, por vir de outro município também, foi mais esse sinônimo de igualdade no curso. Não teve tipo, brigas, essas coisas, intrigas. *Cada um respeitou a origem de cada pessoa. De município, de gênero, de escolha sexual, por exemplo.* Teve muito esse lado de igualdade. No curso teve essa igualdade mas ainda falta muito para melhorar, né? porque... é... Acho que é isso mesmo.

PARTICIPANTE R - Eu escolhi a palavra RESPEITO. Porque respeito? porque quando eu entrei aqui, lá do portão, quando eu me vi entrando... isso antes né? porque agora... eu não me via entrando no IFAC. Eu me senti uma pessoa renovada, eu senti que eu tinha capacidade de me ver, ao nível onde eu queria estar. Só que em compensação, o curso que eu queria não era bem esse, mas... fui tentando me adaptar. Mas com o passar do tempo, eu passei a gostar. E em relação à turma, tem alguns e outros não né? mas eu me adaptei muito bem e não tem assim... Como que se diz? desigualdade. Todos tratam com respeito, todo mundo. Assim entre aspas né? É isso.

PARTICIPANTE V - eu escolhi a palavra EDUCAÇÃO. Eu assim, eu vou falar entre a sala. Eu achei que a turma começou grande né? e foi diminuindo aos poucos. Mas eu achei que teve uma educação assim... De ambas as partes, as pessoas foram educadas com cada um, respeitando as suas origens. E, do curso, eu não tenho muito o que falar não, dele. Acho que muitas pessoas desistiram porque conseguiram emprego, né? outras pessoas desistiram logo no começo e conseguiram passar no ENEM, na UFAC aí foram se distanciando. Já outras são por motivo pessoal mesmo que a gente não sabe.

PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra NORMAL porque quando eu cheguei aqui me receberam tudo tranquilo, legal, né? É... Os coordenadores né? também os professores tratam a gente legal, também. Só que eu acho que deveria ter um pouco mais de prática porque eu acredito que a prática tem que andar junto com a teoria. Porque ser só na teoria você não aprende quase muito as coisas, na prática você tem que usar a prática e a teoria. Você aprende tudo junto. É isso. Eu não vejo ninguém questionando sobre origem e digamos assim, em nada. Sobre esse lance do origem ninguém trata mal a ninguém não, aqui. Tratam tudo legal.

PARTICIPANTE I - É... eu coloquei ESCUTA, porque muitos professores só usam na parte da teoria. Na prática tem pessoas que... tem mais conhecimento que eles mesmo. Tipo, vou citar o meu pai... o meu pai ele nunca fez curso de engenharia, nunca cursou nada, mas tudo o que ele faz fica perfeito tipo... não vejo erro quando ele faz uma casa, não tem vazamento na casa. E tudo interessante como ele faz. Ele nunca teve estudo com pessoa nenhuma, então tipo... acho que a academia absorve quando ela pega e escuta as pessoas que já tem habilidade com isso.

PARTICIPANTE P - Eu escolhi a palavra PRAZER, porque é um prazer estudar em uma instituição onde tem professores que escutam os alunos e procuram ajudá-los, né? Com bastante prazer, vejo a felicidade deles em ajudar os alunos, isso eu vejo muito. E quando eu vim pra cá eu achava, que o pessoal era totalmente fora de mim, né? mas eu percebi que na minha origem familiar, está dentro, só que eu num tinha esse conhecimento ainda, de poder estar (incompreensível) nessa instituição, no curso de agroecologia. Sim, é... eu não sabia, até o momento de entrar, eu não sabia que ia brotar uma paixão pelo curso, eu não sabia que estava dentro de mim, né? Que

hoje eu vejo que o curso me alegra muito, né? De estar junto com a turma e junto com professores, bom, muitos professores estudados né? que eles são... são... foda.

PARTICIPANTE O - E a palavra que eu coloquei foi DIFERENTE, porque as vezes, não só em curso técnico mais de uma forma geral, né? em qualquer instituição que procura sempre uma pessoa bem qualificada, só que como ela não tenha tanto isso, digamos assim. E eu acho que....

PARTICIPANTE U - EU coloquei ali, NOVAS EXPERIÊNCIAS, porque assim... aqui no IFAC, pelo o que eu percebi desde que entrei, eu conheço o IFAC a muito mais tempo, porque eu ia fazer o curso de edificações aqui, mas eu não consegui porque não teve o curso. Aí mudou totalmente e foi para agroecologia. Eu coloquei novas experiências porque tudo o que eu sabia na prática eu conheci na teoria, *então todo o meu conhecimento nesses três anos, três anos e meio, na zona rural, eu absorvi totalmente, teoricamente o conhecimento, entendeu? Então tudo o que eu vi, e que eu coloquei a mão na massa, de carregar estaca, cavar buraco, cuidar de boi, de cachorro e de galinha, tudo aqui eu realmente percebi que tudo o que eu fiz, que eu aprendi, realmente é aquilo ali. Então, todo o conhecimento que eu, meu pai e minha mãe, teve apesar deles não terem o ensino que eu tenho agora...* meu pai terminou os estudos na quarta série e minha mãe terminou o ensino médio começou um técnico em enfermagem mas não terminou. Aí, eu consegui absorver e o IFAC realmente consegue, na minha experiência própria, porque cada um é diferente né? então... se ele tem dificuldade na informática, eu já tenho facilidade. Então, eu não vi nenhuma dificuldade nesses seis meses de curso que eu tive aqui. Então eu praticamente consegui, né? absorver 100% das aulas, das matérias e percebi que o IFAC também aprendeu junto comigo, pela prática que eu já tive e levar conhecimento pra quem não sabia e recebeu que eu também não sabia e foi isso.

PARTICIPANTE Z - E a frase que eu escolhi foi SATISFAÇÃO. Porque... eu ouvi falar desse curso e me interessei bastante, e pra mim seria uma satisfação imensa fazer esse curso. Mas quando eu cheguei aqui não era nada que eu pensei. Por um lado foi pesado, tinha coisas que eu não sabia, eu aprendi assim... praticamente na marra mas aprendi, são coisas que eu vou levar para toda a minha vida. Coisa que eu tirei aqui do IFAC vou levar pra vida toda.

*PARTICIPANTE D - A palavra que eu escolhi foi DESINTERESSE. Porque assim, no começo do curso todos os professores fazem uma dinâmica com a gente né? E eles perguntam, mais ou menos, assim as mesmas coisa. Ahh... "de onde você veio?" "como é que é sua vida?" e tal e num sei o quê. Só que eu acho que... tipo assim, ao decorrer do cursos a gente tem as nossas necessidades né? Cada um como indivíduo. Aí por exemplo, a instituição colocar uma aula pra gente de 15h até as 09 da noite. Sem se importar muito com o que, todo mundo às vezes mora num bairro periférico, as vezes não tem o dinheiro para comer. Então, eu acho que falta esse tipo de interesse, ter mais interesse nos alunos, como indivíduos assim... e não só "Ah! pega aqui uma prova, vamos passar uma nota pra você e tal, e é isso", Entendeu? Acho que poderia ser bem mais agregador. Eu acho que o ambiente poderia ser diferente, ser mais colorido, que podia ser mais... a gente poderia ter mais participativo em tudo. E... acho que isso até despertaria mais interesse das próprias, dos próprios alunos, em estar aqui dentro e contribuir pra comunidade, contribuir pra instituição e melhorar pra todo mundo. Então, acho que falta um pouquinho assim... nem todo professor é que nem a REFERÊNCIA 2 que se importa, com a nota que você se dá, com a sua satisfação em estar fazendo uma matéria, nem todo mundo é assim... então, que todo possa ser mais assim, mais interessado na gente como ser humano, do que como aluno, eu acho. É isso.*

PARTICIPANTE A - A minha frase foi FALTA DE ENTENDIMENTO, a minha palavra, né? Porque, muitas vezes, das vezes né? a instituição não entende as nossas dificuldade que a gente tem. Porque tem muitos alunos aqui, que moram longe. E a gente tem aula das três e meia até umas nove hora da noite, isso num tá certo, porque, até porque a cidade tá perigosa, pode acontecer várias coisas. Aí... é isso mesmo.

PARTICIPANTE X - É... coloquei aqui NÃO. Porque a gente estava até conversando sobre isso antes de começar, né? sobre as questões de falta, por exemplo. É... Quando a gente precisa, né? Precisa viajar a trabalho, a gente precisa resolver questão de saúde e o curso não está interessado em contribuir, né? Com a gente, por exemplo. É... vamos dizer que eu tenho nota, para passar, e eu fico reprovada por que eu tenho falta. É que nem todo mundo aqui tem a REFERÊNCIA 2 né? Nem todo mundo aqui é que nem a REFERÊNCIA 2, que procura aquilo no aluno, que ele

saiba... que ele saia daqui sabendo, entendeu? Entendendo a matéria, entendendo o conteúdo, sabendo que que é agroecologia, e não, estão interessados é na nota que a gente tira naquela prova, que... naquela prova de perguntas específicas, né? E... É isso, acho que é isso. Que não estão interessados, né? De... Aliás, isso é mundial né?

### **1.3. Quando a academia/curso não absorve/aceita/recebe essa origem?**

*PARTICIPANTE H - Minha palavra é NUNCA. Porque nunca? porque nunca o professor pergunta das suas origens. Eles chegam aqui e se acham, porque eles estudou... na sala são doutores, são mestrado e o seu conhecimento não é nada para eles. Eles não perguntam se você sabe fazer isso, como que era feito, como que é, então esse conhecimento que a gente traz pra dentro de sala, que a gente tem... todos aqui, tem pessoas aqui com 19 anos mas eles sabem coisas que tem professor que não sabe. Eles não agrega esse valor juntos. Eles não juntam as experiências. O que eu sei com o que eles sabem. Geralmente pro professor você tem que provar que aquilo dá certo. E às vezes o professor ensina coisas pra gente que não dá certo, num tá dando certo. Aí você vem tipo assim... o seu PARTICIPANTE C, vem lá do seringal, ele não pergunta assim "O seu PARTICIPANTE C, como que era feita a adubação lá?" por exemplo eu vim do sul, podia perguntar como que era feita a adubação lá. "Será dona PARTICIPANTE H, que aqui dá certo?" Eles não perguntam isso, eles acham que os dele que é o certo. Mais qual que é o certo? Entendeu? Aí o professor nunca quer saber do conhecimento do aluno, entendeu? Esse nunca que eu falo aqui é grande porque é uma maioria de 90% dos professores. Não vou dizer que é 100% mas é 90% dos professores. Não agrega o conhecimento que o aluno traz pra dentro de sala, é só o conhecimento deles, e é só.*

*PARTICIPANTE J - Eu escolhi a palavra COMPREENSÃO porquê... Assim... eles não... a gente tem ideias, às vezes a gente tem ideias e eles não agregam essas ideias. Não deixam a gente meio que fazer do nosso jeito, pra ver se dá certo né? E também às vezes tem várias coisas que a gente não compreende. Que a gente tenta explicar... teve gente aqui, teve muita gente que desistiu do curso porque o pessoal não compreendia a dificuldade de cada um para poder chegar aqui. E aí todo mundo, geral né? Sem ser também só os professores mas tinha outras pessoas que ficam mais em cima. A academia não compreendia as dificuldades de... por isso muitas, no*

começo muitas pessoas desistiram por causa disso, né? porque ninguém entendia a dificuldade de cada um e também tem várias coisas. Mas eu acho que isso. Só isso, obrigada.

PARTICIPANTE V - Eu escolhi a palavra DIFICULDADE. Por conta que tinha muitas pessoas, alunos, que logo no primeiro período tinham muita dificuldade. Em informática que nem o seu PARTICIPANTE C, a PARTICIPANTE H, a PARTICIPANTE R e tipo, não tinha compreensão do REFERÊNCIA 3, entendeu? Assim, as pessoas falavam que tinha dificuldade ele ensinava aquela vez e se fosse pra ensinar a segunda vez já era com ignorância. Então eu escolhi a dificuldade na compreensão do professor entender que os alunos têm dificuldade de aprender certas coisas. Não é a primeira vez que eles vão jogar a lata, aí pegou, se pegar bem, se não pegou tanto faz. Eles têm que compreender e entender... procurar tipo uma forma mais... melhor de ensinar. É isso.

*PARTICIPANTE R - Eu escolhi a palavra DESINTERESSE, de ambas as partes. Desinteresse de alguns profissionais. Como eu já ouvi a palavra, não só eu como outros colegas também, de outras classes, ouviram essas mesmas palavras. Das partes dos funcionários, no caso, os professores. "Ah porque o fulano é desinteressado". Não é questão de desinteresse, a questão é que tem que ver o que a pessoa tá passando para poder eles aprenderem a compreender, o que tá se passando com cada um de nós. Porque cada um de nós temos problemas. Mas eles não compreendem, eles não estão nem aí, como quem... porque eu já ouvi dizer assim " ah eu não tô nem aí, eu já tô formado, o problema é de vocês". Isso não é coisa que um profissional fale prum técnico formando outros técnicos. É isso que a palavra encaixa, muito bem. Obrigada.*

PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra: "NUNCA FUI QUESTIONADO". Eu no meu caso, nunca fui questionado, né? Porque... no fundo fui, algumas vezes, né? porque tipo assim... alguns professores, a maioria deles né? Eles chegam e ensinam a gente legal, tipo assim, dialogam. Digamos assim, eles dizem que nunca sabem demais. Então eles precisam muito de nós para aprender. Eles ensinam e é aprendido com a gente também. Só que teve algumas dificuldades, digamos assim, que nem a PARTICIPANTE V falou. É informática... eu sofri um pouco porque eu não tava



entendendo. Teve um dia da prova, que eu fui fazer uma pergunta para o REFERÊNCIA 3, e ele disse que não podia fazer nada por mim, porque eu que ia fazer a prova, sabe? Então não entendi nada, não tava entendendo nada, peguei me levantei, entreguei a prova pra ele e fui embora. Não fiz a prova nesse dia. Mas tirando disso aí, pra mim foi tudo legal até hoje. No primeiro período eu tava entendendo quase nada né? Mas agora eu já sinto... tô passando nas minhas provas tudo. Então eu acho que o ensinamento tá sendo bem ideal pra nós, estão sabendo ensinar direito, né? E a gente tá sabendo compreender a forma deles ensinar a gente. É isso.

*PARTICIPANTE B - A minha palavra é IDEIAS, porque tem esse lado de dificuldade dos professores de aceitar novas ideias, novas opiniões. Porque já são formados, tipo, eu posso ter a minha ideia formada, a minha opinião formada de tipo ajudar o curso, incrementar alguma coisa no curso, entendeu? E as vezes falta esse lado de aceitar o que os alunos estão querendo colocar, entendeu? Novas ideias, tipo... novas ajudas para ajudar a melhorar o curso. É tipo da minha origem, no caso, eu posso ter da minha origem, boas ideias, né? pra poder ajudar a incrementar no curso. Só que falta... tem muito desinteresse. Vou dar um exemplo, como se essa janela não tivesse aberta pra entrar novas ideias, entendeu? Só... isso.*

PARTICIPANTE F -. Já teve várias palavras que definiu bem, mas eu coloquei a palavra HORÁRIO. Porque tem professor que não compreende o fato de você chegar um pouquinho... porque muita gente não mora ao redor do IFAC, tem gente que mora no segundo distrito. Eu por exemplo moro lá no segundo distrito e o horário do ônibus é uma coisa bem complicada porque você nunca vai saber se ele vai chegar naquele momento né? Você pode Chegar um minuto antes ou um minuto depois. E não vai poder fazer nada. E... Esse horário que tá tendo agora aqui no IFAC pra gente sair... de sair seis horas, quase sete horas a gente sai. E é bem complicado porque você fica à Mercê de ser assaltado pelo fato de você ficar ali na frente, onde tem bastante... fora dos ônibus também né? Então... É isso. Compreensão da parte deles, porque você não pode chegar um pouquinho atrasado que já não vai fazer a prova, e aí?

PARTICIPANTE I - E... SE FECHA. É... muitas faculdades elas não estão nem aí... tipo... pra quando você chega assim: "Ah, professor eu entendi de uma forma diferente". Ele não quer que tu entenda daquela forma, ele quer que tu entenda da

forma dele, então tipo... Eu aprendi a medir... Medir o que meu deus! aquele... "negocinho lá" PUM, pum né? Diferente eu acho que... qualquer outra pessoa que eu vi na vida. Então, tipo, se um dia eu chegar numa faculdade de engenharia civil, vai ser totalmente diferente porque eu sei como é o negócio dele lá. E... então, eu acho que tipo, ele se fecha muito quando o assunto é uma coisa que ele já vem fazendo ao longo do tempo, tipo, fosse... é uma prática dele já, e não aceitam uma nova mudança. Então eu acho que é isso. Quando eles se fecham e não querem escutar o que a gente tem mais facilidade de fazer.

PARTICIPANTE U – NÃO TEM INTERESSE, a partir do momento que... eu vou falar do IFAC porque é um lugar onde eu tenho mais experiência diária. Então digamos que o IFAC ele não absorve tanto a nossas ideias, nossas origens, porque às vezes falta empatia, dos funcionários, das pessoas que estão acima da gente. Porque muitas vezes eles jogam a gente aqui aí tipo, querem só que a gente entenda o conteúdo, porque eles querem apenas cumprir a carga horária, mas não olham o que tá fora, entendeu? Então eles olham a gente apenas como alunos e eu acho que deveriam olhar como pessoas, como seres humanos, entendeu? Na questão da igualdade, não olhar assim porque eles tão acima "ahh porque eu sou professor, porque eu sou reitora, porque eu sou coordenador". Porque às vezes a gente percebe pelo olhar, dos funcionários que é indiferente, né? Às vezes a gente tá aqui, tipo, é que nem àquela hora ali... a gente olha assim... A gente já percebe né? pela... o olhar das pessoas, porque a gente é estudante. Mas eu acho que eles esquecem que eles também já foram estudantes, né? Então é isso, eu acho que às vezes o IFAC não tem empatia com a gente, né? Eles não se põem no nosso lugar, então muitas das vezes a gente só tá aqui mas eles não veem a dificuldade que a gente enfrenta até chegar aqui. Então é isso, às vezes ele não absorvem tanto os nossos conhecimentos, que a gente tem, não tem tanto interesse em saber também né? Só querem chegar e aplicar os assuntos e é isso.

PARTICIPANTE Z - E eu coloquei "QUE NÃO É OUVIDA" porque tem muitos professores aqui, daqui da sala, que você vai explicar as coisas pra eles e eles não estão nem aí. Você diz... "Aí, eu cheguei atrasado..." A gente tem um caso de uma REFERÊNCIA 4 que ela não esperava, cansei de pegar falta da matéria dela porque eu moro longe, eu e a minha colega ali que reprovou também. Chegasse 15 minutos

atrasado ela não aceitava fazer a chamada e pegava falta. Aí que penso assim, não é ouvida nossa coisa, nossa reclamação. Porque tem muita gente que, como a menina falou, que mora longe. E ela não tá nem aí, o que importa é que ela chegar dá a aula dela e ir embora e todo mês ter o salário na conta. Simples assim.

PARTICIPANTE D - A palavra que eu escolho foi FLEXIBILIDADE, justamente por isso que eles colocaram. Porque tipo assim, eu moro depois da penitenciária de Rio Branco. Eu pego três ônibus pra chegar aqui. E tipo assim, eu sempre me esforcei muito, na maioria das matérias, para falar a verdade. Eu gosto bastante do curso, eu gosto da ementa do curso, é um curso que me interessa. E teve uma matéria em particular que.. Eu tive boas notas, eu me esforcei... e antes mesmo do semestre terminar eu já tava reprovada pelo fato de que eu não conseguia chegar na hora. Mas pelo fato de eu morar do outro lado da cidade, assim... muito longe. É... eu não tenho grandes problemas assim de tipo "ai, num sei... hoje eu não sei o que vou comer". Eu não tenho esse tipo de questão, mas... eu acho que existe essa inflexibilidade de tipo assim... às vezes a gente também, a gente pode não ser uma pessoa necessariamente necessitada mas a gente tem nossas dificuldades. É... eu sei que tem gente em situação pior que a minha e tudo mais, eu não sou egoísta a esse ponto de achar que meu problema é maior do que pode ser o da PARTICIPANTE U ou do PARTICIPANTE Z ou de qualquer outra pessoa. Mas assim... eu acho que esse tipo de inflexibilidade faz muita gente desistir e sair do curso de agroecologia. Porque às vezes eles colocam umas dificuldades que não tem necessidade, assim... criam umas dificuldades que não precisam existir, pra gente. Então acho que isso só atrapalha o curso e faz as pessoas irem embora daqui. Pra mim é isso.

PARTICIPANTE O - E a palavra, as palavras né? foi quase uma frase. Eu coloquei DESINTERESSE. Desinteresse mas é... na questão de olhar pra gente com olhar diferente... porque a maioria daqui, dessa, tô falando do curso né? é novo. Então provavelmente olha pra você e pensa "ahh... nunca plantou nada, então não tem conhecimento, né? " Mas acho que nem todos estão aptos a escutar a gente, apto à perceber do jeito que é... É isso.

PARTICIPANTE Y - A palavra que eu escolhi foi DIFÍCIL ACEITAÇÃO. É... tipo, por exemplo os professores não aceitarem a maneira de... por exemplo... de se plantar...

É... Aquela maneira que a gente... nossos avós ensinaram, nossos pais, algo desse tipo e os professores não aceitará. "não tem que ser desse jeito " ou então julgar pela nossa aparência. Por exemplo: "A ela é toda enjoadinha" toda... não quer pegar no barro, ela quer se fazer de difícil, alguma coisa assim, de mexer. Aí eles não aceitar e não conhecer a gente.

PARTICIPANTE X - É... coloquei NÃO TEM INTERESSE, porque... exatamente o que eu coloquei na questão atrás, que por exemplo, *quando a gente tem uma mulher indígena dentro da nossa sala, do movimento de mulheres indígenas e o instituto não observa isso, não usa disso, não exalta isso. É... É uma liderança indígena que temos na nossa sala e o instituto e o curso tá se lixando né? porque a agroecologia também tem haver com o movimento indígena, entende?* E... eu acho que é isso, é falta de interesse, na verdade. Entendeu? Não é só questão dos professores isso, professores aquilo, é um conjunto, entende? *É um conjunto que é lá...* num sei se é de baixo pra cima, ou se é de cima para baixo, é coisa que é do topo da pirâmide, entende? que... não é os professores que vão resolver, tem que partir da coordenação. A coordenação tem que vir dos superiores deles e assim sucessivamente, né? Acho que é isso.

PARTICIPANTE A - Eu coloquei NÃO COMPREENDE. É... assim uma falta de compreensão da instituição de... não é... não querer escutar o aluno né? das origens que ele veio, aí... Tô sem palavras.

PARTICIPANTE P - Eu coloquei SÓ TEM UM LADO. Só tem um lado quando eles não observa que a gente não pode fazer algo tipo que... Que eles acho que a gente tem tempo pra tudo né? E eles não vê isso, eles só veem o lado deles. Em algumas parte eles só veem o lado deles. Não vê o nosso lado, que a gente pode tá vindo né... tipo, indisponibilidade também, eles não têm essa concepção que eles acham que a gente tá sempre disponível, né? e a gente não tá sempre disponível para eles.

## **2 - PROJETO DE VIDA/SONHOS**

### **2.1. Qual seu sonho? Qual seu projeto de vida?**

PARTICIPANTE G - Eu escrevi FUTURO porque o futuro a pessoa termina o curso né? arruma um bom emprego, aí a pessoa vai trabalhar, nessa área aqui, né? Só isso.

PARTICIPANTE V - *Eu escolhi a palavra CONSEGUIR. É... conseguir terminar. E não só conseguir terminar esse curso, conseguir outro, no caso, um superior, né? Porque eu ainda não tenho um superior. Eu tenho 19 anos mas eu ainda sonho porque a vida passa rápido. Eu me lembro que eu tinha quinze anos e já tô com 19, vou fazer 20... Aí... só que quanto mais vai passando mas a gente vai perdendo tempo, né? Então eu espero conseguir conquistar e dar um orgulho para a minha mãe e para o meu pai. É isso.*

PARTICIPANTE F - Eu coloquei a palavra ESTÁVEL. Acho que foi uma palavra que veio logo na mente mas acho que a palavra certa seria SONHADORA. Porque eu sou uma pessoa muito sonhadora desde sempre eu sonhei alto que às vezes com o tempo a gente vai deixando aquele sonho de lado. Mas meu maior sonho mesmo é um dia conseguir fazer uma faculdade, trabalhar na área que eu escolher, para poder dar um futuro melhor para a minha mãe. Porque sempre foi só eu, minha mãe e o meu irmão. Eu nunca tive... como posso dizer? um pai pra me proporcionar aquilo que ele proporcionou pros meus irmãos. Então meus irmãos não deram valor, eles mal terminaram o ensino médio e tem um trabalhinho mas eles não quiseram buscar algo mais, aquilo que eu sempre desejei pra mim mesmo, é isso. Eu não quero ser rica assim... porque, rica é meio difícil a gente ser, né? Mas eu quero ter uma vida estável para dar aquilo pra minha mãe, que ela sempre me deu. Porque a minha mãe é uma mulher muito trabalhadora e é isso. Eu quero um dia, né? Meu projeto de vida é esse mesmo, ter uma vida estável para dar o melhor para minha mãe. Com o curso eu despertei um desejo que nem eu sabia que existia. Porque tipo assim... pode parecer besteira mas é... Minha mãe sempre gostou de muitas plantinhas, eu ficava falando "aí pra que isso... num sei o que lá" e agora eu sou aquela que sai e quando vê uma plantinha já quer comprar. Então acho que despertou um desejo maior pela natureza pra mim dar um valor maior pras coisas do meio ambiente, tipo a natureza, tentar o máximo com que não vá prejudicar. Porque a gente depende sim da natureza, e muito né? porque... acho que é isso.

PARTICIPANTE J - E eu escolhi a palavra CONHECIMENTO porque quando eu entrei no curso de agroecologia, pra mim... desde sempre esse meio da agroecologia, o agro e o logia, pra mim desde criança e desde sempre mesmo, eu sempre vivi nesse meio.

Então pra mim era um sonho, né? E eu quero ainda fazer uma faculdade também, nesse meio assim, nesse meio da agroecologia, da agronomia e tudo. Porque eu gosto disso e é o que eu pretendo na minha vida. Pretendo ter uma vida estável com isso. Adquirindo conhecimento cada dia mais para poder implantar na minha propriedade, ajudar meu pai e minha mãe que também gostam disso. E é isso.

PARTICIPANTE H - Eu escolhi a palavra **COMPREENSÃO**. Porque compreensão? porque enquanto... aqui os nossos professores, a direção acadêmica, não só do IFAC mas de todas as escolas, desde lá da alfabetização eles não tiveram compreensão que eles tem que criar cidadão e não profissionais. Enquanto eles não tiver a cabeça aberta para a compreensão, ter a cabeça aberta para chegar novas ideias, igual o PARTICIPANTE B falou, agregar e não se achar que sabem mais... A compreensão de todas as pessoas que nós devemos cuidar do planeta, que nós devemos cuidar da nossa casa, do lixo, da floresta, do povo ribeirinho, do povo urbano, das mulheres, das crianças. Enquanto não tiver essa compreensão de a gente ter um planeta melhor, não adianta nada. Não adianta nada nós ter uma vida estável, não adianta nada a gente ter muito dinheiro, não adianta nada porque a gente não vai ter um planeta bom para se viver, entendeu? Enquanto a gente não conseguir que pare de pôr na cabeça das pessoas a compreensão de que não pode acabar com a floresta, a gente não vai ter um planeta bom, melhor para o futuro. Então a palavra compreensão, que as pessoas têm que compreender e entender é importante dentro do planeta e na agroecologia. Meu sonho é que todas as pessoas compreendam que tem que cuidar do planeta e a agroecologia pode ajudar muito nesse projeto.

*PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra **CONCLUIR O CURSO**. Porque o seguinte... eu concluindo o curso... eu antes quando entrei eu não entendi nada sobre agroecologia e sobre os produtos orgânicos, como plantar. Então eu concluindo o curso além de eu ter aprendido eu vou poder passar para os outros, ensinar a comunidade, as pessoas que trabalham na agricultura, né? Então vou ensinar pra eles como manter o controle tanto das pragas como das doenças, né? E também saber como plantar orgânico, né? E cuidar melhor da floresta, que nós podemos sim cuidar da floresta, porque nós não podemos destruir nossa floresta, né? E também diminuir o agrotóxico. Porque o agrotóxico nos traz muitas complicações, doenças, né? tanto para nós como para os animais, as águas e o solo também. É isso.*

PARTICIPANTE B - Eu coloquei EM CONSTRUÇÃO ali. Porque é em construção, o projeto de concluir esse curso. Agora eu não sei se vou conseguir trabalhar nessa área mas pretendo concluir esse curso. Concluir faculdade também para ter uma vida melhor, um bom emprego, né? Ter um futuro bom, não só pensando no lado da agroecologia, do meio ambiente, mas também contra a violência né? Que o que tá assustando muito o mundo é a violência. E a gente tinha que pensar um modo de construir um mundo melhor, sem violência, com mais igualdade, humildade, direitos iguais, respeito entre as pessoas um país com uma paz melhor. É isso que eu queria falar sobre a palavra que eu falei que é Construção.

PARTICIPANTE R - REALIDADE. Porque no caso, um projeto de vida que se torne real, que eu possa um dia tornar esse meu sonho realidade. Um dos meus sonhos, são vários, mas um deles é ser jornalista. E eu já tentei várias vezes mas um dia eu chego lá. Nunca é tarde para sonhar, né? E meu projeto de vida é crescer, expandir e sair mundo afora, que é o que eu gosto de viajar. Então não é tá só nesse mundinho que eu vivo aqui não. E é isso.

PARTICIPANTE I - FORMAÇÃO. Eu creio que todo mundo quer se formar um dia. Formação ele se define para várias coisas... formação de família, formação de identidade, curso, esses negócios. Eu, meu sonho mesmo é me formar em, ou direito e a segunda opção, engenharia agrônoma. Mas direito tá na... 100%. É... ter um mestrado, doutorado, sair bem, me esforçar pelo que eu quero. E... eu pretendo morar fora, então é um sonho que eu tenho. E, por exemplo, rapaz... um projeto de vida que eu tenho é construir minha família, formar, ela todinha completa, maravilhosamente bem. É... dá o melhor para eles. É... e, disponibilizar mais do que eu tenho, acho que tipo, fazer eles terem aquilo que eu não tive. Tipo... É, com 18 anos eu não tive minha carteira de motorista e eles tiver tudo, entendeu? não ao ponto de fazer eles ficarem... é... mimados no caso, mas sim eles correrem atrás dos sonhos deles também mas também uma forma de ajudar. É isso.

PARTICIPANTE U - É... eu coloquei ali algo que eu não sei nem se tem a ver com o meu sonho. Eu coloquei ali que a agroecologia também CONTRIBUI. No caso particular para a minha formação. Apesar de não ser a minha primeira escolha de vida,

a agroecologia, porque eu ainda pretendo ingressar na enfermagem, porque eu sou louca por sangue e essas coisas assim do corpo humano, não tenho frescura. Então a agroecologia passa a ser minha segunda opção em questão de trabalho, pra mim poder ingressar nessa questão de conseguir levar adiante minha vida financeira em relação a minha família. Porque a minha família como tem uma pequena pedaço de terra por aí, lá em Porto Acre, então eu pretendo pegar esse conhecimento que eu tô levando, e a gente, possa ser que a gente consiga é... como é que se diz? fortalecer a terra, né? E tirar dali o sustento da minha família e a parti daí eu conseguir pegar meu rumo na enfermagem, então eu quero né? como é que se diz? Eu quero que a minha família chegue num certo ponto, economicamente, financeiramente, estabilizar minha família para a partir daí eu pensar em mim. Então a partir da agroecologia eu vou estabilizar minha família, a partir da minha família, que vai ser a minha segunda meta que vai ser a enfermagem. Então, a partir de tudo, eu vou iniciar pela agroecologia, para mim chegar na enfermagem. E é isso.

PARTICIPANTE Z – E eu coloquei que VENCER NA VIDA. Porque nada na vida é fácil. Você tem que batalhar e conquistar o que você quer. Então o meu sonho, meu projeto de vida é vencer na vida. E conquistar é... me formar... é... quebrar obstáculos que hoje em dia existe na sociedade, pela minha opção sexual, né? Que é assim... não é em todo canto que eu sou bem recebido. Eu chego num canto a primeira aparência, páhhh... Que gayzão!. Essa é a primeira impressão, que ninguém é assim tem gente assim... que me vê "aí... num gosto". Tem sempre... rola aquele preconceito e eu... eu quero me formar e seguir na vida. E mostrar para aquelas pessoas que sempre me colocaram pra baixo, entendeu? Lá em cima. No topo.

PARTICIPANTE P - Eu escolhi DESISTIR NUNCA. "Eu sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo" (Racionais MCs). Eu sempre busquei... tipo... estudar, só que a minha maior opção sempre foi focar no empreendedorismo. Que eu sempre fui da área do artesanato e eu tenho uma loja virtual e futuramente eu pretendo ter uma loja física aqui... em fortaleza... em Brasília... que lá o E... em questão de formação em escolaridade, eu sou formado em educação física mas eu quero fazer uma pós em docência do ensino superior. Para eu dar aula em universidade né? Mas eu entrei no curso de agroecologia e eu tô me vendo que também, eu quero fazer uma pós, um mestrado na área também. Agroecologia, futuramente. Mas primeiramente, na área



de educação física primeiro depois eu foco na agroecologia e sempre, em primeira mão, minha loja virtual que quero que... que já tem dois... acho que vai fazer três anos que eu sou artesão de carteirinha assinada, carteirinha pela, tudo bonitinho. Eu quero tá... eu gosta de estar feliz com o que eu faço. Então, é isso.

PARTICIPANTE M - Eu coloquei ME FORMAR. Eu tenho três opções de formações. É... Direito, engenharia agrônômica ou nutrição. É... o meu... quando eu me formar, se eu vou conseguir, é um dos meus... como é que se diz, uma das minhas metas quando eu conseguir. E... é ajudar minha família, alguns, porque precisa muito, e tipo... ajudar meus pais também. E viver e ser feliz. É isso que eu sou.

PARTICIPANTE O - E, a palavra que eu escolhi foi PERSISTÊNCIA. Porque não adianta só entrar e não terminar né? E eu acho que é bem difícil hoje em dia, qualquer curso segurar uma pessoa né? ou a pessoa entrar com uma ideia e ao decorrer ver que não era isso que ela esperava né? Então acho que a gente deve sempre persistir por mais que às vezes parece que tá difícil mas sempre melhora, né? E... é isso. Persistência, otimismo e saúde o resto a gente corre atrás... é só isso.

PARTICIPANTE X - Eu coloquei VENCER, porque acho que não tem ninguém mais perdido no momento do que eu. Depois que eu troquei a faculdade (engenharia civil) e... cai de paraquedas no curso de agroecologia, eu na realidade cursei agroecologia para não ficar sem fazer nada mesmo, assim, para não ficar sem estudar. E... eu tô gostando muito do curso, é um curso muito interessante mas ainda não sei se é isso que eu quero pro outro ano, pro próximo ano, né? É... talvez eu volte para a engenharia, talvez não, não sei. Eu só quero que... Assim... ilumine assim, sabe? para aparecer assim um... Uma luz, porque... pra mim ter algumas perspectivas pro futuro, sabe? Acho que é isso.

PARTICIPANTE D - A palavra que eu escolhi foi IMPACTO. Porque quando eu penso em sonho, para mim, eu não penso em um sonho só para a minha vida. Eu quero que a minha vida tenha impacto sobre a vida dos outros. Então, por onde eu passar se eu puder ajudar as pessoas a conseguirem tá numa situação melhor. E eu acho que tem com certeza a ver com a agroecologia, porque nada mais importante pra gente do que uma comida de qualidade, do que você ter um teto, você ter uma segurança, você ter

algo porque acordar de manhã. E eu acho que muita gente hoje em dia vive sem essa perspectiva. E através da agroecologia, através de... sei lá... movimento feminista, através de movimento na comunidade, acho que é possível mudar muitas realidades. E... a gente tá vivendo um momento muito complicado sobre isso né? Porque as pessoas estão a mercê da própria sorte. A gente tá à mercê de violência, à mercê de um monte de coisas. A maioria das pessoas saem de casa hoje se saber se volta. Então, seu eu puder modificar na minha vida esse tipo de coisa no mundo, eu já vou estar muito satisfeita. Eu não sei como vai ser o meu amanhã mas... eu espero que... pelo menos aqui na sala de aula ou na vida das pessoas que eu passe, eu consiga passar alguma coisa para alguém que melhore a vida dessa pessoa. Então não sei se eu vou ser educadora, eu não sei como que vai ser isso mas o meu sonho é esse. Modificar vidas e gerar impacto no mundo. Assim, de alguma forma. E é isso.

PARTICIPANTE A – AGRADECIMENTO. E o meu sonho é poder ajudar os meus pais que moram no oco do mundo. E... agradecer quando eu puder, e se eu conseguir me formar, se Deus quiser eu vou conseguir. E agradecer a cada pessoa que me ajudou, a cada pessoa que tirou o seu tempo para me ajudar, a me explicar como é a vida, essas coisas.

### **3 – CONHECIMENTO ACADÊMICO E AGROECOLOGIA**

#### **3.1. Conhecimento acadêmico e agroecologia devem andar juntos? Como isso interfere no planeta?**

PARTICIPANTE B - Como sempre. Eu coloquei sim. Porque eles devem andar juntos, o conhecimento acadêmico e o agroecológico pôr o simples fato de pôr em prática o seu conhecimento aqui na academia, o que você vai aprender sobre o meio ambiente e como cuidar dele e agroecologia também. A palavra que eu coloquei foi DEDICAÇÃO. Porque a dedicação é tipo você ter dedicação para cuidar do planeta. Saber como, por exemplo, não jogar o lixo no chão, não fazer uma derrubada, não tocar fogo, entendeu? Eu acho que é isso.

PARTICIPANTE F - a resposta é sim e eu escolhi a palavra SALVAÇÃO. Porque o conhecimento acadêmico tem que partir tipo da gente. Sempre a gente tem que entender que o planeta depende da gente. Porque nossas ações vai interferir no nosso

futuro. Então eu lembro do discurso da meninas... dá Greta, que ela tava tentando conscientizar os jovens já que ela acha que os adultos já não tem mais salvação. Então ela tenta voltar o pensamento dela para os jovens e crianças, para saberem que tudo o que a gente vai fazer aqui, vai ter uma consequência no futuro. Então, se a gente modificar nosso conhecimento e nosso pensamento, as coisas podem até melhorar pro nosso planeta. E do agroecológico é isso... que não basta a gente tá estudando aqui coisas agroecologias se no momento que a gente pisar ali fora já vai estar fazendo coisas que não tem nada a ver com nosso curso. Tipo você veste... você tá com um pensamento agroecológico, tá estudando aquilo mas chega lá, come e joga tudo no chão. Então a gente tem que ter mais conscientização dos nossos atos se a gente realmente quer ter uma vida mais futura. Né? porque do jeito que tá, tá meio difícil. E é isso.

PARTICIPANTE V - Eu acho que sim, porque o conhecimento acadêmico com o agroecológico ele é a solução. Eu escolhi a palavra SOLUÇÃO. Porque juntando os dois vai gerar soluções para um mundo melhor, mais sustentável, com menos agrotóxicos, com menos poluição, adquirindo os dois vai gerar conhecimento para as pessoas que estudam possam se aprimorar e fazer as coisas conforme seja certo. E é isso.

PARTICIPANTE J - eu respondo que sim. Né? Porque com o agroecológico a gente conhece lá fora e nossos avós, nossos pais e outras pessoas, conhecem de um jeito e aqui com um conhecimento acadêmico a gente pode conhecer qual é a maneira certa, quais são as maneiras certas, de manter o planeta, de cuidar do meio ambiente... certinho, das coisas né? Eu interfere no planeta eu escolhi PENSAMENTO porque assim... Eu acho que tem que ter o pensamento. As pessoas tem que pensar em uma forma, nas formas como que elas estão tratando o meio ambiente no dia a dia delas. Porque a gente faz muita coisa achando que não vai agredir "ahh é só uma vez" que não vai agredir, vou tacar fogo nisso aqui pra poder plantar, mas... que nem muita gente faz né? toca fogo em tudo "ahh aquele solo vai estar ótimo, eu vou tacar fogo para mim plantar". Só que já quando você vai plantar de novo, como a gente aprendeu aqui, o solo já vai estar todo desgastado e não vai mais dar de plantar de novo. Daí já vai pra outra área e já vai degradar outra área. Isso vai acabando com os animais, vai acabando com a própria terra dele, da gente mesmo. Vai acabando com

tudo. Então eu acho que os conhecimentos agroecológicos são ótimos pra gente tentar se adequar e melhorar.

PARTICIPANTE R - Sim. E a palavra foi INTERVENÇÃO. Intervenção porquê? como isso interfere no planeta. A palavra intervenção ela inclui um pouco o que vem da parte já... da nossa parte como ser humano, né? Como população... É, e o conhecimento acadêmico e o agroecológico deve andar sim junto. Porque um auxilia o outro. O conhecimento acadêmico auxilia a agroecologia. Sendo ambas, bem parecido com os dois mas com um entendimento diferente. O nosso planeta precisa sim de pessoas, não só pessoas mas tudo o que interfere no planeta para ter um mundo melhor. Uma qualidade melhor. Para que possamos viver bem em questão de poluição, infraestrutura e tudo isso.

PARTICIPANTE C - Eu escolhi a palavra AJUDA. Porque eu acho que o nosso conhecimento acadêmico começa dentro de nós, aquilo que nós não sabia, nós aprende, né? A cuidar do meio ambiente, ensinar também para as pessoas mais jovens que tá vindo aí... eles precisam aprender como cuidar do seu ambiente, né? E também evitar a derrubada da floresta, tocar fogo, isso daí prejudica muito o planeta também, desmatando a floresta, mata os animais. E também transforma muitas seca, né? pro nosso planeta, então nós temos que evitar muito isso aí, porque se continuar da maneira que esta, os nossos filhos, os nossos netos, como é que eles vão sobreviver à vida? se tá tudo destruído, se nós destruímos. Então nós temos que evitar esses tipos de coisas.

PARTICIPANTE H - Eu escrevi sim e TUDO. Porque tudo? O acadêmico aí... eu acho que na agroecologia, essa palavra agroecologia, os professores acadêmicos deveriam começar a agroecologia lá na primeira série. Pra ensinar o que que é agroecologia. E muitas vezes muitas pessoas já fazem agroecologia e não sabem o que que é agroecologia. E ensinando a criança desde pequenininho lá é mais fácil deles absorver e levar. E como o PARTICIPANTE B mesmo falou sobre a violência, na agroecologia tá aí também, não é só cuidar do planeta, com água, com ar, com floresta, com mata, os indígenas, alimentação, tá aí também a violência, entendeu? Na agroecologia trata da violência, urbana, da violência doméstica, dos preconceitos. Então a formação acadêmica dentro da agroecologia, na agroecologia, tem que

começar, muito importante, no jardim de infância, lá na primeira série. Para melhorar nosso planeta. Porque daí ele vai entender o que que é agroecologia para salvar o nosso planeta. Por isso que eu escolhi a palavra tudo.

PARTICIPANTE G - Eu escrevi SIM. Porque desse curso que eu tô fazendo de horta, que mexer com horta aqui né? e plantio. Só isso.

PARTICIPANTE I - Sim. Ele SALVA, ou seja, ele tem vários meios sustentáveis de... como se diz... de ajustar um pouco o planeta. A liberação de CO2 na atmosfera ele tapa a atmosfera e não permite que a luz, ela reflita, ou seja, por isso que vai criando uma camada quente na terra e vai destruindo ainda mais a terra. O desmatamento, corte ilegal de árvores, faz com que poucas árvores, elas absorvam. Tendo muitas árvores absorvendo CO2 ela retira da atmosfera, fazendo com que a passagem fique aberta. Então tipo, ela é... agroecologia é um meio sustentável, ou seja, ela é um meio de salvar o planeta. E deveria ser dá mais importância de que outras prioridades que tem. Eu acho que deveria ter em cada curso, direito pra baixo, deveria ter um projeto de ajuda ao planeta, entendeu? Porque todos nós interferimos no planeta. E... tudo o que a gente coloca de errado, eles mandam pra gente. É isso.

PARTICIPANTE P - Sim. Interfere porque, sem o CONHECIMENTO, muita gente usa de coisas que maltrata o nosso planeta, né? E acho que com o conhecimento, a pessoa tem uma preservação do meio ambiente, com o conhecimento. E se ele for fazer algo de errado com o planeta ele tem que pensar duas vezes, se ele tiver o conhecimento né? Ele sabe o que é certo e o que é errado, com o conhecimento.

PARTICIPANTE O - E... na minha concepção o conhecimento acadêmico e agroecológico tem sim que andar junto, porque como o curso é técnico... como que a gente vai ser futuros técnicos sem andar com o conhecimento acadêmico, né? Comportamento. E... como isso impacta na nossa vida, a respeito do ambiente, do mundo... eu acho que é esse curso como o PARTICIPANTE I falou, devia ser ministrado pelo menos um projetinho né? ou vários outros cursos terem ele como base para... porque o mundo onde a gente vive tá bem gasto já. Já tá quase deteriorando né? E se a gente não souber como cuidar, como reverter a situação a gente vai ficar

sem muitos recursos naturais, então, é de muita importância que as pessoas tenham conhecimento sobre essa área.

PARTICIPANTE X - Sim. Eu acredito que a cada prática nossa no cotidiano pode melhorar o nosso planeta, né? E tudo o que eu venho aprendendo na agroecologia eu acredito que tem melhorado na minha vida pessoal e... assim... Eu tenho adotado novos hábitos, é... em relação ao ambiente, sabe? sobre como descartar certas coisas e eu venho tentando melhorar isso sempre. Questão de alimentação essas coisas, eu cortando muita coisa das minhas alimentações a respeito disso. E também sobre tipo... comprar certas coisas e descartar de forma correta. Mesmo nosso estado não tendo lugar específico para descartar certas coisas, que pelo menos eu conheça, né? tipo... Óleo, óleo de cozinha, né? EU não sei um lugar para descartar óleo de cozinha. Mas por exemplo, eu guardo, eu coloco o óleo de cozinha dentro de uma garrafa PET. Eu coloco lá e, como eu uso pouco óleo, ainda tá pela metade, porque eu moro sozinha... e eu deixo lá não sei nem o que eu vou fazer com isso, mas eu não jogo mais assim, em qualquer lugar. Muitas coisas eu não faço mais, sabe? E acho que é de práticas do cotidiano que pode melhorar. Acredito eu.

PARTICIPANTE A - Sim. Eu digo que TRAZ LUZ, né? porque como todos nós estamos vendo, está muito difícil no mundo, e a cada dia que se passa está ficando mais difícil ainda viver. É água poluída, é lixo, tudo jogado nas ruas, tudo isso poluindo as águas. E a cada dia que se passa tá ficando mais difícil de viver. Por isso que... a agroecologia e o conhecimento acadêmico devem andar junto. Porque eles andando junto pode melhorar os pensamentos daquelas pessoas, né? E é isso. Pra mim tá sendo muito difícil porque vim do campo e vim pra morar na cidade, é muito difícil pra mim. E... vou passar umas férias lá, esse mês mesmo vou passar umas férias lá, nós somos em oito. Porque na verdade eu moro com a minha prima, né? Ai lá na minha casa, que é lá no Ramal Cu do Mundo, somos em oito irmãos, aí meu pai e a minha mãe fica dez. E lá tem cinco meninos que não estudam, porque lá não tem assim... séries adequadas para eles, né? O nível deles. E é isso mesmo.

PARTICIPANTE D - Sim. Eu acho que o meio acadêmico já está meio defasado pra fase que a gente tá vivendo, globalmente, né? Tipo... as pessoas hoje em dia tem formação mas não tem emprego. Porque já quase não existe mais o que se fazer, né?

tem uma superpopulação mundial aí né? Não tem o que fazer... o que que as próximas gerações vão fazer? Eu acredito que através da agroecologia, através de práticas ancestrais, a gente consiga resgatar um pouco, um modo de vida mais... viável pro próprio planeta que a gente vive, né? porque não dá para você viver trancado num apartamento com tudo concretado ao seu redor, tipo viver uma vida inteira assim, sem contato nenhum com natureza, sem contato com nada. De casa pro escritório, do escritório para casa. Tem criança que nem sabe de onde vem leite, que acha que o leite vem de uma caixa. Não sabe que existe uma vaca, então... eu acho que a humanidade tá cada vez mais longe do que é uma vida de verdade. E eu acho que é através de existir uma instituição que ensina agroecologia, por exemplo, que é quase um manual de sobrevivência né? Eu acho isso muito importante porque, isso pode chegar para as pessoas, através da gente... e modificar. Aí como isso interfere no planeta? coloquei que TUDO porque a agroecologia é tudo, é um modo de vida, é um modo como você se comporta, é um modo como você pensa sobre o seu lixo, sobre a sua comida, sobre as suas relações pessoais, então eu acho que modifica tudo. Se a agroecologia for bem propagada, se o meio acadêmico aceitar a agroecologia, tipo... não fazer chacota da gente, levar a gente a sério, não achar que a gente sabe pouco porque é técnico, entendeu? a partir do momento que a gente for levado à sério eu acho que tem potencial sim, para mudar muita coisa no planeta, hoje em dia.

PARTICIPANTE U - Sim, com certeza. Porque assim, uma coisa leva a outra, é? Então eu acho que a agroecologia é o básico do básico, que não é só a agroecologia que a gente tem que aprender pra levar pra vida, como outras áreas, outros assuntos, outros temas, que devem ser importantes abordá-los aí no decorrer da vida, né? E isso interfere no planeta porque faz com que, de certa forma, as pessoas realmente vejam o outro lado da moeda, num é só aquela coisa industrializada, aquela coisa ali que você só vê e não sabe de onde vem. Então, é importante e essencial você saber de onde vem o que você consome e o que você come, né? no dia a dia. E levar o conhecimento de desde o início da plantação até a venda, industrialização, é necessário a gente ter o conhecimento pra gente levar pra outras gerações, pros filhos, pros filhos levarem pros seus filhos... E... passando e passando. Porque até onde chegou em mim... o meu conhecimento minha mãe já adquiriu da mãe dela, que a mãe dela já adquiriu de outra pessoa, então já chegou em mim de uma forma e eu vou aprender de outra e vou ensinar de outra. E é importante que a gente mantenha

o nosso planeta para que a gente consiga ainda existir a geração humana à 100, a 200, a 300 anos ainda, para que não venha acontecer o que as pessoas dizem de acabar o planeta, de acabar, de extinção da humanidade. E é isso.

PARTICIPANTE Z - Sim. E interfere no planeta como BOAS PRÁTICAS. Assim... o uso indevido do lixo, de como se deve organizar, separar cada um. Porque você não vai pegar qualquer coisa e desperdiçar ali... jogar... tipo plástico. O plástico no meio ambiente demora anos pra se decompor. E isso faz mal ao planeta. Então com manejo e boas práticas se conquista tudo. E vamos salvar o planeta.

PARTICIPANTE M - O meu é Sim. Eles devem andar juntos. MELHORIA DO PLANETA. Como eles interferem?! eles dois se complementam. E eles dois vão ensinar como a gente deve cuidar, o que vai ser melhor pra gente fazer no planeta e ... mostrar várias dicas de como aquelas coisas que... ao invés de jogar fora, não utilizar, a gente reutilizar pra fazer outras coisas.



## Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido

### Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo intitulado: “Educação agroecológica como reafirmação da origem, cultura e território”, do qual concordei em participar de livre e espontânea vontade. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem ter que justificar minha decisão e nem sofrer quaisquer tipos de coação ou punição. Tenho conhecimento de que não terei nenhum custo e nem serei remunerada(o) pela minha participação e que não serei identificada(o) nas publicações dos resultados dessa pesquisa.

Eu \_\_\_\_\_ concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Nome:

Data de Nascimento:

Gênero:                      Orientação sexual:

Estado e localidade de origem:

Estado e município que mora atualmente:

Qual tipo de moradia:

Cor/raça:

Tem filhas(os):                      Quantas(os):

Mora perto de onde estuda:

Mora com quantas outras pessoas:

Qual sua renda mensal:

-----

Participante

-----

Pesquisadora

## Apêndice C – Fotos dos grupos focais

Registro do primeiro dia de atividade do grupo focal com o segundo período do curso técnico em agroecologia, no IFAC *campus* Baixada do sol, realizado na sala XX, no dia 03 de dezembro de 2019 (imagem 01).

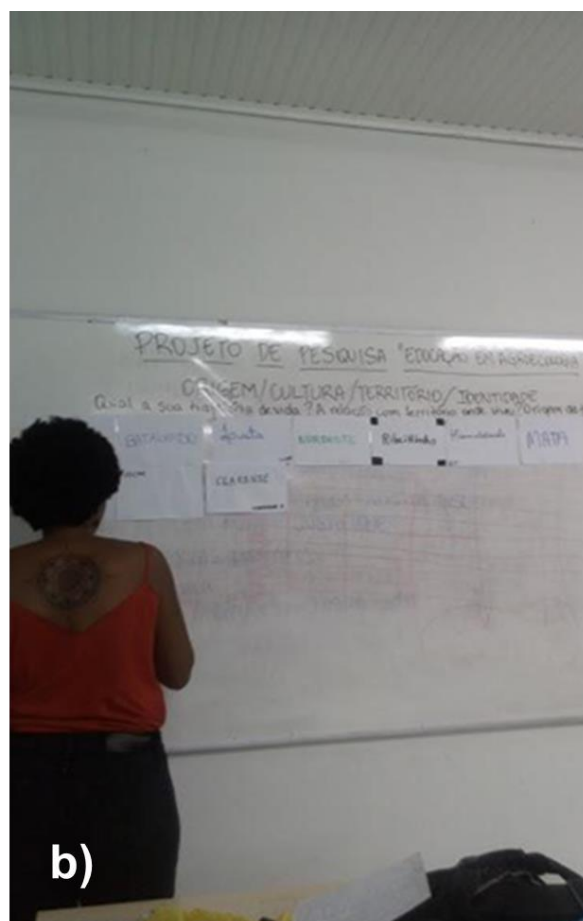


Imagem 1: a) Grupo focal com o segundo período; b) Quadro com perguntas e targetas.

Registro do segundo grupo focal com o primeiro período do curso técnico em agroecologia, no IFAC *campus* Baixada do sol, realizado na sala XX, no dia 09 de dezembro de 2019 (imagens 02 e 04)



Imagem 2: Grupo focal primeiro período.

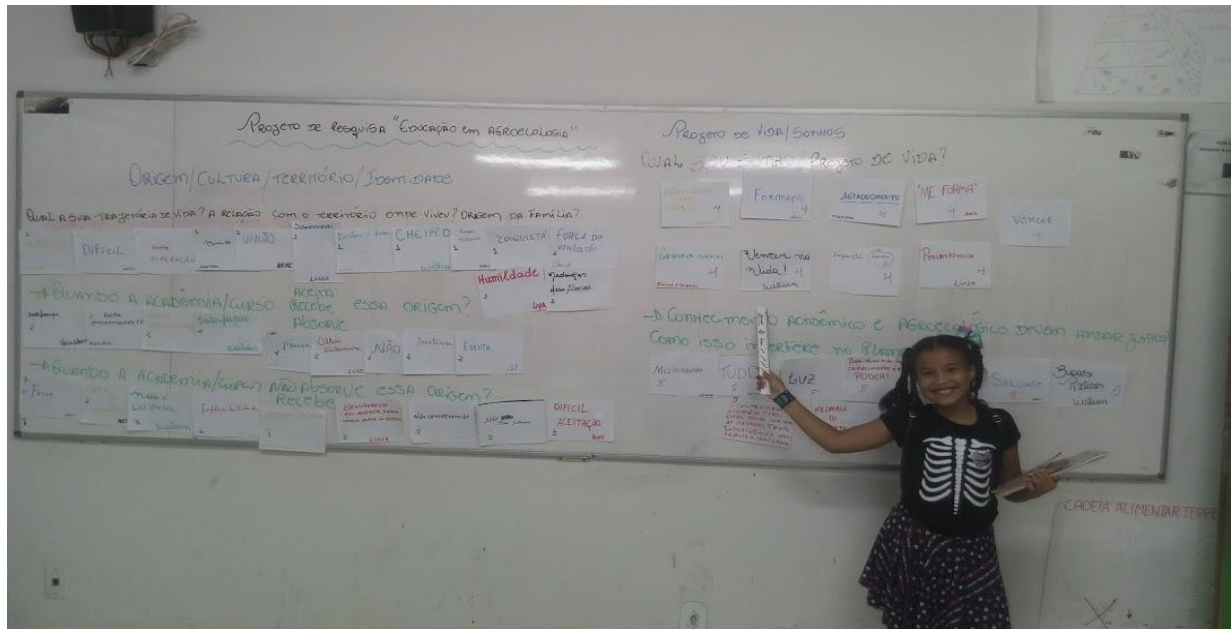


Imagem 3: Quadro branco com as perguntas, as targetas e a Mila (colaboradora da pesquisa).